

MARIA HELENA QUEIROZ ONOFRE ASSUMPÇÃO MACHADO

**PERFIL DA EDUCAÇÃO FINANCEIRA E DO EMPREENDEDORISMO
FEMININO NO MUNICÍPIO DE CAMPO VERDE - MT COM
MULHERES VULNERÁVEIS EM PEQUENOS E MICRO NEGOCIOS
URBANOS E RURAIS**



**UNIVERSIDADE CATÓLICA DOM BOSCO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM DESENVOLVIMENTO LOCAL
MESTRADO/DOCTORADO
CAMPO GRANDE - MS
2024**

MARIA HELENA QUEIROZ ONOFRE ASSUMPÇÃO MACHADO

**PERFIL DA EDUCAÇÃO FINANCEIRA E DO EMPREENDEDORISMO
FEMININO NO MUNICÍPIO DE CAMPO VERDE - MT COM
MULHERES VULNERÁVEIS EM PEQUENOS E MICRO NEGOCIOS
URBANOS E RURAIS**

Dissertação apresentada ao programa de Pós-graduação em Desenvolvimento Local – Mestrado da Universidade Católica Dom Bosco. Como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Desenvolvimento Local.

Área de Concentração: Desenvolvimento Local.

Sob a orientação do prof. Drº Josemar de Campos Maciel.

:

**UNIVERSIDADE CATÓLICA DOM BOSCO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM DESENVOLVIMENTO LOCAL
MESTRADO/DOCTORADO
CAMPO GRANDE - MS**

2024

MI49p Machado, Maria Helena Queiroz Onofre Assumpção
Perfil da educação financeira e do empreendedorismo
feminino no município de Campo Verde-MT,

com mulheres
vulneráveis em pequenos e médios negócios urbanos
e rurais/Maria Helena Queiroz Onofre Assumpção Machado
sob orientação do Prof. Dr. Josemar de Campos Maciel
e Prof. Heitor Romero Marques, -- Campo Grande,
MS : 2024.

8p.: 11.

Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Local) –
Universidade Católica Dom Bosco, Campo Grande – MS.
2024.

Bibliografia: p. 65-73

1. Mulher. 2. Alunos. 3. Aprendizado. 4. Precificação.
5. Agricultura. Maciel, Josemar de Campos. II. Marques,
Heitor Romero. III. Título.

CDD. 331. 4.

FOLHA DE APROVAÇÃO

Título: “O empreendedorismo feminino no município de Campo Verde-MT com mulheres vulneráveis em pequenos e micro negócios urbanos e rurais: perfil da educação financeira”


Área de concentração: Desenvolvimento Local em Contexto de Territorialidades.

Linha de Pesquisa: Cultura, Identidade e Diversidade na Dinâmica Territorial.

Dissertação submetida à Comissão Examinadora designada pelo Conselho do Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Local – Mestrado Acadêmico da Universidade Católica Dom Bosco, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Desenvolvimento Local.

Exame de Defesa aprovado em: 10/09/2024

A presente defesa foi realizada por videoconferência. Eu, Prof. Dr. Josemar de Campos Maciel, como presidente da banca assinei a folha de aprovação com o consentimento de todos os membros, ainda na presença virtual destes.



Prof. Dr. Josemar de Campos Maciel (orientador)
Prof. Dr. Paulo Eduardo Benites de Moraes (UFJF)
Prof. Dr. Heitor Romero Marques (PPGDL/UCDB)

*“Nunca subestime o poder de uma
mulher determinada a fazer a diferença
no mundo dos negócios”*

A minha neta de 7 anos,
Valentina Aguiar Onofre,
para que sirva de exemplo
na vida dela, eu fazer
o mestrado a essa
altura da minha vida.

AGRADECIMENTOS

A minha neta, minha paixão, de avó coruja.

Agradeço a Deus em primeiro lugar, a possibilidade de realizar este sonho de tantos anos.

Aos meus pais Valdemar Onofre e Lanyr Queiroz Onofre que dedicaram sua vida a nossa família, aos filhos, uma vida pautada em grandes exemplos e ensinamentos para filhos, netos e bisnetos.

Agradeço aos meus filhos, Valdemar, Yanne e Nathaly, pelo apoio em mais um projeto de vida realizado.

A todos aquele(a)s que por mim passa(ra)m e que, no ritual de trocas da vida, deixa(ra)m generosamente um pouco do que havia de melhor em si.

Ao Prof. Dr. Josemar de Campos Maciel, sua dedicação para a concretização desta pesquisa.

A todos os demais professores que integram o quadro docente do programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Local da Universidade Católica Dom Bosco.

Aos eternos amigos por terem visto em mim novas possibilidades de realizar este sonho.

Às amigas e amigos pelos momentos que compartilhamos.

Aos pais e alunos que confiam seus sonhos, objetivos e necessidades ao meu trabalho.

As mulheres empreendedoras que contribuíram para a realização deste estudo. A Escola Municipal Monteiro Lobato, ao Diretor Calmino Moraes Junior e toda a equipe pedagógica, professores da escola, meu eterno agradecimento.

Machado, Maria Helena Queiroz Onofre Assumpção. **Perfil da educação financeira e do empreendedorismo feminino no município de Campo Verde-MT**. 2024. 83 p. Dissertação (Mestrado). Desenvolvimento Local, Programa de Pós-graduação em Desenvolvimento Local, Universidade Católica Dom Bosco, Campo Grande, 2024.

RESUMO

Na agricultura familiar há sempre a preocupação em produzir e obter um lucro que ofereça meios para a manutenção da família, mas nem sempre há o real entendimento de como gerir os ganhos e em muitos casos nem mesmo se tem o conhecimento de como precificar os seus produtos. Consciente dessa realidade, se entende que a escola possa estar contribuindo para a diminuição dessa problemática, com a adoção de estratégias de ensino da matemática financeira para os alunos em especial os que já participam do trabalho familiar na pequena propriedade rural familiar. O que levou este estudo a ter como problema de pesquisa o questionamento sobre o conhecimento das famílias e dos adolescentes alunos de séries finais do ensino fundamental sobre matemática financeira e de sua aplicação no dia a dia da produção familiar. Tendo essa questão, o estudo aponta como objetivo é identificar o perfil pessoal e do negócio das empreendedoras de Campo Verde (MT). Os objetivos específicos são: definir o empreendedorismo feminino; apresentar uma abordagem do desenvolvimento no local e para o local; descrever o empreendedorismo feminino em Campo Verde-MT; descrever o perfil das empreendedoras urbanas e rurais de Campo Verde -MT. O que se realizará por meio de entrevistas e palestras com mães/mulheres empreendedoras atuantes tanto na área rural como urbana e com estudos em sala de aulas na parte teórica do conhecimento e na prática com a execução de hortas para avaliação dos conhecimentos apreendidos em sala de aula. O que se espera que por meio dessa comparação entre a teoria e prática, os alunos possam compreender como efetivamente precifica-se a produção familiar, contribuindo assim para a melhoria dos ganhos financeiros da família.

Palavras-chave: Mulher. Aluno. Aprendizado. Precificação. Agricultura.

Machado, Maria Helena Queiroz Onofre Assumpção. **Profile of financial education and female entrepreneurship in the municipality of Campo Verde-MT**. 2024. 83 p. Dissertation (Master's). Local Development, Postgraduate Program in Local Development, Dom Bosco Catholic University, Campo Grande, 2024

ABSTRACT

In family farming, there is always a concern with producing and obtaining a profit that provides the means to support the family, but there is not always a real understanding of how to manage the profits and in many cases, there is not even knowledge of how to price their products. Aware of this reality, it is understood that the school can be contributing to reducing this problem by adopting strategies to teach financial mathematics to students, especially those who already participate in family work on small family farms. This led this study to have as a research problem the questioning of the knowledge of families and adolescent students in the final years of elementary school about financial mathematics and its application in the day-to-day of family production. Given this issue, the study aims to identify the personal and business profile of female entrepreneurs in Campo Verde (MT). The specific objectives are to define female entrepreneurship; to present an approach to development in and for the local area; to describe female entrepreneurship in Campo Verde-MT; and to describe the profile of urban and rural female entrepreneurs in Campo Verde-MT. This will be done through interviews and lectures with mothers/entrepreneurial women working in both rural and urban areas, and through classroom studies on the theoretical part of knowledge and in practice with the implementation of vegetable gardens to assess the knowledge acquired in the classroom. It is expected that through this comparison between theory and practice, students will be able to understand how family production is effectively priced, thus contributing to improving the family's financial gains.

Keywords: Woman. Student. Learning. Pricing. Agriculture.

LISTA DE SIGLAS

BNCC – Base Nacional Comum Curricular

COOPA - Cooperativa Agropecuária de Patrocínio

CNPJ - Cadastro Nacional da Pessoa Jurídica

GEM - Global *Entrepreneurship* Monitor

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

MEI – Microempreendedor Individual

OCDE - Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico

PRONAF – Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar.

PIB – Produto Interno Bruto

PISA - Programa Internacional de Avaliação de Estudantes

SAEB - Sistema de Avaliação da Educação Básica

SEBRAE – Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas

SENAR-MT - Serviço Nacional de Aprendizagem Rural de Mato Grosso

LISTA DE FIGURAS

Figura 01: Início do preparo do solo.....	60
Figura 02: Alunos limpando o espaço da horta.....	60
Figura 03: Momento de orientação sobre a aplicação de adubo.....	61
Figura 04: Pesquisadora e alunos ao fundo	62
Figura 05: Aplicação de adubo no solo.....	62
Figura 06: Grupo de alunos participantes do projeto.....	63

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1: A presença da mulher no empreendedorismo.....	18
Gráfico 2 – Idade.....	41
Gráfico 3 – Distribuição por faixa etária e gênero no empreendedorismo.....	43
Gráfico 4 – Escolaridade.....	44
Gráfico 5 – Estado Civil.....	45
Gráfico 6 – Principal fonte de renda.....	46
Gráfico 7 – Filhos.....	47
Gráfico 8 – Perfil do negócio	48
Gráfico 9 – Tempo de Empreendedorismo.....	49
Gráfico 10 – Porte da empresa.....	50
Gráfico 11–Possui CNPJ.....	51
Gráfico 12 – Tempo dedicado ao negócio.....	52
Gráfico 13 – Motivo que a levou a empreender.....	53
Gráfico 14 – Desafios enfrentados pelas empreendedoras.....	54
Gráfico 15 – Precisou recorrer a empréstimos bancários.....	55
Gráfico 16 – Conseguiu empréstimos bancários.....	56
Gráfico 17 – Motivos que procuraram bancos para pedir empréstimos.....	57
Gráfico 18 – Comportamento empreendedor das mulheres pesquisadas.....	58
Gráfico 19 – No que elas se consideram melhor gerindo o negócio	59

SUMÁRIO

1 - INTRODUÇÃO.....	13
2 - EMPREENDEDORISMO FEMININO, UMA ABORDAGEM DO DESENVOLVIMENTO NO LOCAL E PARA O LOCAL.....	16
2.1. Conceitos sobre Empreendedorismo.....	16
2.2. Empreendedorismo Feminino.....	17
2.3. O Empreendedorismo Feminino em Campo Verde-MT.....	21
2.4. A Agricultura Familiar.....	21
2.4.1 A (não) permanência do jovem no campo.....	25
2.5 Educação Matemática Financeira.....	30
2.6 Desenvolvimento Local.....	33
3 - OS ESPAÇOS DA PESQUISA.....	37
3.1 Metodologia Empregada.....	37
3.2. O questionário aplicado às mulheres empreendedoras.....	37
3.3. O projeto de horta na escola.....	38
4 - ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS.....	41
4.1. Perfil das Empreendedora Urbana e Rurais de Campo Verde MT.....	41
4.2. Realizações de atividade de horta na escola Monteiro Lobato.....	60
5 – CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	65
6 – REFERÊNCIAS.....	67
ANEXOS.....	76

.

1 - INTRODUÇÃO

Com as conquistas de independência da mulher, assim como as mudanças no mercado de trabalho, o empreendedorismo feminino foi se alastrando e firmando-se, muitas vezes por necessidade econômica, outras vezes como necessidade de realização pessoal.

O empreendedorismo feminino veio ganhando força nas últimas décadas, tanto a nível nacional como comunitário, a representação e a liderança das mulheres vêm demonstrando geração de melhores resultados econômicos e ambientais. As mulheres empreendedoras são dedicadas e estão atentas a sustentabilidade socioeconômica. A nível local, a participação das mulheres no empreendedorismo leva a uma governança mais equitativa e inclusiva, com melhores resultados socioambientais.

O empreendedorismo feminino pode ser entendido como o processo de iniciação de empreendimentos liderados por uma ou mais mulheres, bem como iniciativas de liderança em que as mulheres ocupam altos cargos nas empresas, atuando na gestão, em liderança, presidência, dentre outras áreas de responsabilidade, tanto a nível nacional como local, em ambiente urbano ou rural.

Recebendo incentivos no empreendedorismo feminino, pelos governos, uma vez, que está atrelado a resolução de problemas econômicos, promovendo políticas que impulsionam o empreendedorismo no sentido socioeconômico.

O empreendedorismo colabora para além da criação de riquezas, e contribui para a emancipação do indivíduo, para isso é necessário a criação de mudanças nas circunstâncias restritivas duradouras em que muitas pessoas se encontram. A proposta dos autores é que o empreendedorismo esteja redirecionado para a criação de mudanças, saindo da ideia de exploração de oportunidades para uma emancipação do indivíduo, a partir do reconhecimento daquilo que precisa melhorar para evoluir como pessoa e como empreendedor.

Pois, a mudança é significativa para as mulheres, principalmente, quando enfrentam desafios consideráveis em comparação com os homens quando se trata de estabelecer e gerir um negócio, incluindo acesso restrito à informação, políticas governamentais, financiamento e redes de atendimento.

No estado de Mato Grosso, o projeto Sebrae Delas vem promovendo auxílio às mulheres que querem empreender, no desenvolvimento das suas competências

peçoais, comportamentais e nas competências técnicas que vão ajudá-las na gestão do seu negócio. em 2023, o governo do estado de Mato Grosso liberou aproximadamente R\$ 14 milhões em financiamentos para diferentes linhas de crédito para mulheres empreendedoras.

Campo Verde (MT) vem se despoitando no empreendedorismo feminino, a partir do lançamento do Programa Cidade Empreendedora, desenvolvido pelo Sebrae e a Prefeitura Municipal de Campo Verde, esse programa tem como foco o desenvolvimento local, por meio de políticas públicas para o desenvolvimento de pequenos negócios, usando os benefícios da Lei Geral das Micros e Pequenas Empresas

E foi levando em consideração esses aspectos destacados que este trabalho foi desenvolvido partindo da seguinte indagação: qual é o perfil das mulheres empreendedoras do município de Campo Verde (MT). E qual o perfil do negócio desenvolvido por elas?

Para responder o questionamento fez-se uma investigação por meio de um estudo qualitativo com 20 mulheres empreendedoras, das quais 12 empreendem na área urbana e 8 em área rural. Estudar o perfil das empreendedoras, assim como o perfil de seus negócios é importante devido ao número crescente no país e no estado de Mato Grosso, principalmente em Campo Verde, que foi o primeiro município mato-grossense a implementar convenio com o Sebrae (MT) para promover o empreendedorismo local, com intuito de favorecer a emancipação das mulheres por meio deste processo.

Assim o objetivo geral deste estudo é identificar o perfil pessoal e do negócio das empreendedoras de Campo Verde (MT). Os objetivos específicos são: definir o empreendedorismo feminino; apresentar uma abordagem do desenvolvimento no local e para o local; descrever o empreendedorismo feminino em Campo Verde-MT; descrever o perfil das empreendedoras urbanas e rurais de Campo Verde -MT.

O trabalho está estruturado da seguinte forma: primeiramente apresenta-se uma breve introdução, em seguida, descreve-se a base teórica com conceitos sobre empreendedorismo no geral e feminino, relata-se o empreendedorismo feminino em Campo Verde-MT, apresentando informações relacionadas à agricultura familiar, por fazer parte do contexto de convivência das pessoas em pesquisa, e que se fez necessário a apresentação da dados sobre educação matemática financeira e de

desenvolvimento local como meio de promoção da iniciativa do empreendedorismo feminino para a localidade.

Relatando brevemente sobre a questão do abandono dos jovens da vida no campo, não dando continuidade ao trabalho dos pais, até mesmo não dando importância ao seu direito de sucessão à propriedade rural dos seus progenitores. Em que se considera como uma possibilidade, de não se envolverem diretamente com a produção desenvolvida por seus pais, o que levou este estudo a promover um projeto de horta na escola para ajudar os alunos filhos de empreendedores da agricultura familiar a participarem do processo de produção, da elaboração dos custos e vendas como parte do aprendizado de matemática financeira.

A descrição sobre a metodologia utilizada, descrevendo os meios usados e detalhamento de como se processaram tanto a pesquisa com entrevistas como a atuação em campo, com a aplicação do ensino do cultivo de horta e de como precificar os seus custos aos alunos, filhos das mulheres empreendedoras envolvidas na pesquisa.

Na sequência se destaca a pesquisa de campo em que se descreve dados relacionados ao processo de elaboração das análises das pesquisas realizadas referente ao perfil das empreendedoras urbanas e rurais, bem como do desenvolvimento da horta na escola com os alunos filhos de mães empreendedoras, com a finalidade de descrição do uso dos conhecimentos relativos à educação matemática financeira apreendidas em sala de aula e no empreendedorismo feminino em agricultura familiar.

Por fim, apresenta-se as conclusões do estudo, assim como se oferece sugestões de como se poderia melhorar em relação ao empreendedorismo feminino para a referida localidade, fato esse que evidencia a necessidade de continuidade do estudo e da promoção de meios para se alavancar o empreendedorismo feminino local.

2 – EMPREENDEDORISMO FEMININO, UMA ABORDAGEM DO DESENVOLVIMENTO NO LOCAL E PARA O LOCAL

2.1 Conceitos sobre empreendedorismo

O empreendedor pode ser compreendido como um tipo diferente de administrador, que faz com que as coisas aconteçam na realidade, não esperamos que as mudanças o atropelarem. Estudar o comportamento e o processo empreendedor, para um melhor entendimento, é oportuno e importante. Conforme afirma Dornelas (2001), são eles que estão revolucionando o mundo.

Também no Brasil, desde a década de 90, devido ao novo perfil econômico e social, o empreendedorismo vem sendo estudado com maior profundidade. Este é um aspecto positivo pois, conforme Dornelas (2001), os empreendedores estão eliminando barreiras culturais, comerciais, estão encurtando distâncias, renovando os conceitos econômicos, globalizando, criando relações diferenciadas de trabalho, quebrando paradigmas e gerando riquezas para a sociedade. Eles são os figurantes de uma nova perspectiva de desenvolvimento econômico equilibrado, com geração de empregos e renda.

O empreendedorismo se caracteriza por uma capacidade de identificar oportunidades e criar algo inovador sob condições de incerteza, assumindo os riscos aí envolvidos. Persistência e visão de futuro envolvem o processo de empreender que tem como resultantes uma nova maneira de realizar um trabalho— um novo produto, serviço ou atividade— ou a criação de um novo empreendimento (Jonathan; Silva, 2007, p. 07).

A palavra empreendedor ou *entrepreneur* tem origem francesa, conforme Dornelas (2001), e quer dizer aquele que assume riscos e começa algo novo. Os riscos que ele assume são considerados riscos calculados. Ele gosta de ousar, mas não coloca seu negócio em risco total.

Lezana (1999) define empreendedores como pessoas que perseguem o benefício, trabalham individual ou coletivamente. São indivíduos que sempre tentam visualizar o resultado positivo. De acordo com o mesmo autor, podem ser indivíduos que inovam, identificam e criam oportunidades de negócios, montam e coordenam novas combinações de recursos, para extrair os melhores benefícios de suas inovações num meio incerto. São aqueles que possuem uma visão de alcance maior

que a maioria dos empresários, eles interpretam o ambiente interno e externo de sua empresa de forma diferente.

Entretanto, o uso mais antigo do termo empreendedor se registra no século XII, para definir aquele que incentivava brigas. Na história militar francesa, no século XVII, também se fazia referência a pessoas que se comprometiam em conduzir expedições militares. Mas, atribui-se a um irlandês do século XVIII, chamado Richard Cantillon (1697-1734), o primeiro uso do termo *entrepreneur* no contexto empresarial, para referir-se a alguém que compra bens e serviços a certos preços com vistas de vendê-los a preços incertos no futuro.

Em outras palavras, correndo um risco não assegurado. Dornelas (2001), nesta linha de pensamento, lembra que o primeiro exemplo de empreendedor, conforme a literatura sobre o assunto foi o lendário Marco Pólo. O qual tentou estabelecer uma rota comercial para o Oriente e assinou um contrato com um homem rico para vender suas mercadorias. Assim, o empreendedor Marco Pólo corria todos os riscos, tanto físicos quanto emocionais, enquanto o homem que possuía o dinheiro, os assumia de forma mais passiva.

Esta atitude de empreendedor exemplifica o que entende por empreendedor: alguém que faz novas combinações de elementos, introduzindo novos processos e/ou produtos, identificando mercados, criando tipos diferenciados de organizações.

1.2 Empreendedorismo Feminino

Empreendedor é o indivíduo que cria um negócio, assumindo a maior parte dos riscos e desfrutando da maior parte das recompensas. O processo de criação ou inovação de um negócio é conhecido como empreendedorismo. Empreendedores desempenham papel fundamental em qualquer economia, utilizando as competências e a iniciativa necessárias para antecipar as necessidades e trazer novas ideias para o mercado (Sebrae, 2023a).

O foco deste estudo é o empreendedorismo feminino, que segundo o relatório de empreendedorismo feminino 2021/2022 do Global *Entrepreneurship* Monitor (Gem, 2022) as mulheres representam dois em cada cinco empreendedores em fase inicial. O empreendedorismo feminino vem mostrando que as mulheres desempenham um papel ativo na economia local.

Segundo o Gem (2022) as mulheres representam 1 em cada 3 empreendedores de elevado potencial, nesse sentido é necessária uma programação política para mobilizar financiamento e outros apoios para os sectores onde as mulheres estão atualmente ativas. Situando que 34% dos negócios no Brasil pertencem a mulheres e esse total se destaca pelo gráfico 1, sobre como esse percentual se apresenta em relação a presença da mulher (Sebrae, 2019).

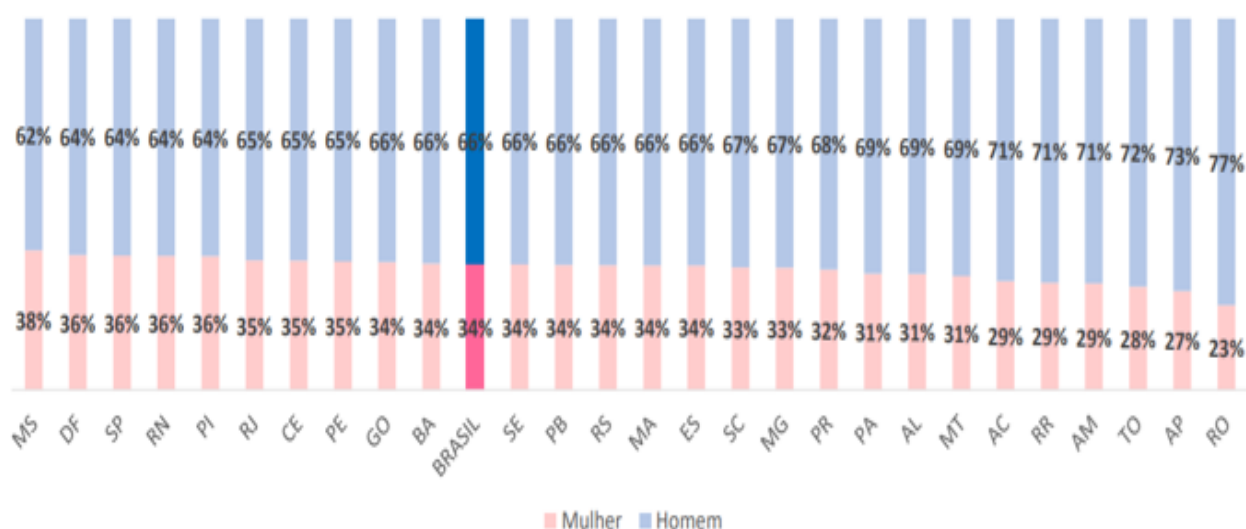


Gráfico 1: A presença da mulher no empreendedorismo
Fonte: PNADC (2018) apud Sebrae (2019).

O mesmo estudo destaca uma maior diversidade de atuações, uma vez que, *as mulheres empreendedoras possuem um alto nível de recursos pessoais para negociar com clientes e familiares, tem habilidades para desenvolver estratégias de desenvolvimento sustentável. Ou seja, o empreendedorismo feminino resulta num melhor crescimento das economias locais. Fortalece a diversificação econômica gerando igualdade de rendimento e produtividade. E promover resultados positivos de desenvolvimento sustentável (SEBRAE, 2019).*

O Brasil está em 7º lugar no ranking de países com mais mulheres empreendedoras, segundo o Global *Entrepreneurship* Monitor (Gem, 2022). O Brasil, teve mais de 30 milhões de mulheres empreendedoras em 2020, mostrando um aumento de 25% em relação ao ano anterior.

Para Kai e Queiroz (2022) o empreendedorismo feminino e em especial no setor rural vem se destacando pelo dinamismo e empenho que cada uma demonstra em sua atuação empresarial. Não se apegando em possibilidades, mas como natural da mulher se organizando e avaliando cada etapa do seu progresso.

Por ser consciente de sua inovação de estar buscando atuar em um campo de trabalho novo para muitas empreendedoras, a formação básica no trabalho que se propõe a realizar vem se tornando peça-chave nesse seu dinamismo e eficácia do que faz, como destacado pelos autores Betanho, Lopes e Lopes (2020), os cursos de formação rural vem tendo um maior público feminino nas últimas décadas, o que complementa a fala sobre o modo de organizar o seu trabalho.

Ainda em Betanho, Lopes e Lopes (2020), observa-se que a mulher mediante a sua formação vem atuando de modo a não agredir o meio ambiente, buscando a preservação por meio do uso restrito de defensivos e adotando uma prática mais sustentável em seu plantio.

Maia, Giolda e Maia (2019) na região oeste do estado de Santa Catarina, que as mulheres demonstram características empreendedoras relevantes para o desenvolvimento do negócio, como: maior capacidade de liderança, estudo com maior foco no aprendizado de novas técnicas de manejo e usos restritos de defensivos, visando a preservação ambiental, além de serem muito mais persistentes e criativas do que os homens, pois, para isso sempre elaboram um planejamento para terem um norte em seus afazeres.

Juntamente com essa busca por conhecimentos, verifica-se diante de políticas públicas um maior empenho em prover novos conhecimentos para as mulheres empreendedoras no campo. Com o empoderamento das mulheres, as políticas precisam ser maiores em termos de oportunidades de financiamentos de empreendimentos ao público feminino, pois elas estão promovendo o desenvolvimento econômico local e beneficiando o desenvolvimento sustentável (Viotti, 2013).

O Sebrae Delas, é um programa que incentiva, valoriza e acelera a jornada de mulheres que empreendem ou querem empreender. O Sebrae por meio desse programa impulsiona o “empreendedorismo feminino, orientando e inspirando as empreendedoras a vender mais, aumentar seus lucros, conquistar novos clientes, fechar contratos e ter muito sucesso” (Sebrae, 2023a, p.1).

O Sebrae (2023a) destacou uma pesquisa do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), de março de 2022, em que relatou que 31% das propriedades rurais no país são comandadas por mulheres e que elas ocupam 19% dos cargos de direção em empresas do agribusiness brasileiro.

O Sebrae/MT apresentou o resultado de uma pesquisa sobre o perfil das mulheres empreendedoras no estado de Mato Grosso, apontando que:

[...] 20% das mulheres empreendedoras em Mato Grosso atuam em mais de uma atividade, elas têm emprego fixo e comandam um negócio próprio. A maioria, 89%, não tem sócio, trabalha sozinha, e 32% se dedicam ao negócio, em média, 8 horas por dia, sendo que 28% dispensam 11h ou mais de dedicação aos negócios. Além disso, 60% delas arcam ainda com as responsabilidades da casa, visto que são as provedoras do lar, índice mais alto do que o nacional que é de 51% (Sebrae/MT, 2023, p.1).

Segundo uma pesquisa realizada pela Global *Entrepreneurship* Monitor, em 2020, havia cerca de 274 milhões de mulheres envolvidas em negócios e iniciando um negócio, e 139 milhões de gerentes e proprietários de empresas no mundo todo. Em 2022, o empreendedorismo feminino global alcançou uma representação de 42%, mostrando um aumento de 6% em relação a 2021. No Brasil, em 2022, o empreendedorismo feminino representou 34% dos empreendedores no país, mostrando um aumento de 5% em relação a 2021.

O estado de Mato Grosso prioriza o empreendedorismo feminino. O Banco da mulher prevê liberação de 60 milhões para mulheres empreendedoras no ano de 2023. A primeira-dama Virginia Mendes, destacou em entrevista ao Team MT Verso (2023, p.1) que o estado de Mato Grosso é o estado das mulheres empreendedoras, pois “são cerca de 215 mil empresas sob o comando de mulheres, sendo 45% do total de 475,6 mil empreendimentos em funcionamento”.

A razão para o crescimento do empreendedorismo feminino no estado, deve-se ao “incentivo da Desenvolve MT, instituição financeira do governo do estado, que tem entre as prioridades promover o acesso ao crédito às mulheres empreendedoras” (Team MT Verso, 2023, p.1).

O empreendedorismo feminino, no Mato Grosso, é crescente tanto no meio urbano como rural, embora enfrente desafios, principalmente no meio rural onde sempre foi liderado por homens, devido a cultura patriarcal que ainda impera na sociedade Matogrossenses.

Visando capacitar mulheres na gestão de negócios agropecuários com enfoque em empreendedorismo e liderança, que o Serviço Nacional de Aprendizagem Rural de Mato Grosso (Senar-MT) formatou o programa "Mulheres Empreendedoras Rurais", com a primeira turma iniciada em 2016 (Senar/MT, 2016).

O projeto “**Mulher Rural - Vambora Empreender**” fomenta a “produção artesanal da mulher rural e ao desenvolvimento sustentável, conhecimento e acesso à cultura”. O projeto promove atividades de promoção e “comercialização de produtos feitos por mulheres empreendedoras de comunidades rurais, bem como momentos de descontração e entretenimento” (Rodrigues, 2022, p. 1).

1.3 O empreendedorismo feminino em Campo Verde-MT

O distrito do Posto Paraná, atual município de Campo Verde, começou a ser povoado no século XVIII, por famílias vindas de Minas Gerais. Uma das primeiras estações telegráficas de Mato Grosso, foi inaugurada em 1896, na comunidade de Capim Branco. Em 1974, foi inaugurado o primeiro posto de combustível no entroncamento BR-070 com a MT-140. Esse posto foi considerado o precursor da futura cidade (Prefeitura de Campo Verde, 2023).

O mesmo proprietário do posto, empreendedor e visionário criou um loteamento denominado de Campo Real. E foi com a expansão da atividade agrícola e o crescimento populacional, que em 1988, por meio da Lei Estadual nº 5314, foi criado o município de Dom Aquino, com o desmembramento do território dos municípios de Cuiabá (capital do Estado de Mato Grosso) e Dom Aquino (município do Estado de Mato Grosso).

“O nome Campo Verde foi escolhido após um plebiscito entre os moradores e faz referência às extensas plantações de soja que tomam conta da paisagem no período da safra da leguminosa” (Prefeitura de Campo Verde, 2023, p. 1).

Campo Verde aparece como nona cidade que tem melhor indicador econômico entre os municípios de pequeno porte no país. No aspecto geral, Campo Verde está na 45ª colocação entre os 5.568 municípios brasileiros (ISTOÉ, 2022). Com uma área territorial de 4.771,073 quilômetros quadrados, Campo Verde tem uma população estimada pelo IBGE em 44.033 habitantes, um PIB *per capita* de R\$ 60.604,25 e um Índice de Desenvolvimento Humano de 0,750 (Prefeitura de Campo Verde, 2022).

Com sua economia baseada no agronegócio, Campo Verde é o terceiro maior produtor de algodão em pluma de Mato Grosso, com uma área cultivada na safra 2021/2022 de 95 mil hectares. O município se destaca também na produção de soja, com 216,6 mil hectares cultivados e 83,6 mil hectares de milho plantados na última safra (Prefeitura de Campo Verde, 2022).

O município de Campo Verde (MT) está em terceiro lugar na produção de algodão do estado de Mato Grosso. O município é um polo têxtil, conta com 15 usinas beneficiadoras de algodão. As quais realizam algumas das etapas do processo de beneficiamento da fibra de algodão (Carvalho, 2023).

O empreendedorismo feminino em Campo Verde (MT) é muito forte. No ano de 2023, as expectativas foram boas para o segmento, especialmente para o empreendedorismo feminino. As empreendedoras, em grande maioria, estão no setor de serviço, com destaque para as áreas de beleza e estética, bem-estar e moda, no setor de produção e comercialização o destaque é para a área de alimentação.

Segundo o Sebrae (2023b), as mulheres empreendedoras correspondem a mais de 10 milhões no mercado, sendo a maioria das classes C, D e E, representando 34% de todos os empreendedores do país.

1.4 A Agricultura familiar

A agricultura no Brasil teve o seu início logo que se projetou a sua colonização pelos portugueses, com a chegada dos portugueses, no início do século XVI. cultivando a cana-de-açúcar e o tabaco, em grandes propriedades, primeiramente tentando usar a mão de obra indígena, e depois adotando a escravização de africanos, visando à exportação dos produtos para a Europa. E complementando a produção agrícola, foram adicionadas outras culturas para a subsistência dos trabalhadores, como da mandioca, milho e criação animal (Miranda, 2008).

Com o decorrer dos séculos, o sistema de exploração agrícola foi se adequando as mudanças sociais e políticas, passando do trabalhador escravizado para o assalariado e dividindo-se as propriedades em patronais e familiares, em que a primeira, todos os trabalhos são executados por trabalhadores assalariados e no segundo caso, são os componentes da família que executam as atividades da produção (Veiga, 1996).

Ainda em Veiga (1996) na agricultura familiar verifica-se uma certa preocupação em relação a questão da subsistência familiar e parte de sua produção não se destina para a comercialização e sim para o consumo próprio. Em que o processo produtivo nem sempre se utiliza de maquinários de alta tecnologia.

O uso de tecnologias na agricultura contribuiu para a melhoria da qualidade e da quantidade de alimentos para a humanidade, mas, em parte vem desfavorecendo

a agricultura familiar, por não lhe oferecer condições para competir em igualdade de condições com o grande produtor, o que leva esse setor a busca de outros meios para se manter e ser competitivo em outras produções agrícolas que não seja as áreas abrangidas pela grande empresa, como de hortaliças e produção de alimentos de forma artesanais, enquadrando a propriedade familiar como um meio de subsistência para o grupo familiar (Lima; Silva; Iwata, 2019).

O Estatuto da Terra (Lei n. 4.504, 1964, art. 4º, II) define a propriedade familiar como: [...] o imóvel rural que, direta e pessoalmente explorado pelo agricultor e sua família, lhes absorva toda a força de trabalho, garantindo-lhes a subsistência e o progresso social e econômico, em que se definem determinada área máxima para cada região e tipo de exploração, e eventualmente trabalho com a ajuda de terceiros (Brasil, 1964).

Dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE (Ibge, 2018), no ano de 2017, 70% das propriedades do agropecuários possuíam área entre 1 e 50 hectares, ou seja, a maior parte destas se referem a uma estrutura agrária na produção de produtores individuais. Como também, que, 73% das pessoas que auxiliam nesse sistema de produção serem parentes do produtor.

No Brasil, os agricultores familiares são de fato pequenos agricultores, representando o tamanho das propriedades, uma das mais fortes restrições para o crescimento sustentável da agricultura familiar. A propriedade utiliza principalmente a mão de obra da família, sendo que pode haver contratação de outros serviços nos períodos de safra, pois as atividades aumentam de proporção (Savoldi; Cunha, 2010, p. 29).

A agricultura familiar é meio de promover a produção de alimentos que exigem cuidados elaborados e que possam levar ao aproveitamento integralmente o do cultivo de toda a propriedade rural utilizando a mão de obra familiar, assim se visa a produção diversificada de produtos que possam chegar à mesa do consumidor (Beltrame; Pereira, 2017).

Trentin e Wesz Júnior (2005) indicam que a agricultura familiar, em sua grande maioria, é composta por indivíduos com baixo nível de escolaridade, que buscam cultivar seus produtos de maneira diversificada com reduzidos custos, e utilizando a mão de obra familiar.

A agricultura familiar nesse sentido apresenta como principal característica de ter a sua gestão ligada diretamente com os meios de produção, em que esses são pertencentes à família, em que o trabalho é realizado pelos proprietários em uma área

relativamente pequena, sem usar a mão de obra assalariada, e quando essa é necessária, sempre será menor do que as do contexto familiar (Guanziroli, 2001).

Jesus (2014) destaca que na agricultura familiar, as principais ajudas na lida diária provem da mulher e dos filhos menores, todos sem receberem uma remuneração, pois são entendidos como parte do contexto familiar e por isso devem contribuir para a sua produção e manutenção da prole. Não sendo segundo a autora, uma valorização do trabalho feminino.

Mesmo diante de sua ativa participação, as mulheres não têm seu trabalho realmente valorizado na produção familiar, como sem acesso a renda, pois, todos os rendimentos são direcionados para a manutenção da família. Mesmo que para a manutenção da agricultura familiar dependa da competência da mulher em seus detalhes e afazeres como da produção de doces, artesanatos, que são comercializados em muitos casos como de produção comum do grupo familiar.

Outro problema que se observa continuamente na agricultura familiar segundo Lorini (2017) é do abandono do direito de sucessão rural, pelo fato dos filhos não perceberem na atividade laboral dos pais, uma promessa de futuro promissor e por isso preferem sair da área rural e se dedicarem à trabalhos do setor urbano. E em muitos casos, vem ocorrendo a falta de compreensão por parte dos pais da necessidade de se adequarem para o uso de tecnologias, o que pode resultar em desavenças e do abandono dos filhos a produção familiar.

Como destacado por Sposito (2006), o modo de ser e agir do setor urbano já se fazem presente no âmbito rural, podendo até mesmo dizer que o setor rural se tornou híbrido, por, necessitar das tecnologias urbanas para se processar. E até mesmo quando necessário, podendo ter funcionários que não residem na própria área rural e sim nas cidades circunvizinhas.

Para Sauer (2008) os trabalhadores rurais vêm se adequando com maior rapidez do que o sistema de trabalho, por estarem conseguindo agregar valor aos usos tecnológicos em sua lida diária, como das redes sociais, das vestimentas e valores próprios do setor urbano como da participação de festividades antes ditas de apenas rural e ou urbana como músicas sertanejas e agora de ritmos de funks.

Na visão de Wikinson (2008) esse processo de urbanização do meio rural prove da rápida mercantilização ocorrida a partir dos anos de 1960, levando a marginalização e da diminuição da necessidade de mão de obra no setor rural, em que obrigados a investirem em tecnologia, muitas vezes tendo que diminuir a

quantidade de colaboradores e ou pela introdução de novos maquinários poder dispensar o trabalho assalariado. Porém, o autor destaca a dificuldade da pequena propriedade rural de conseguir meios para a compra de novas ferramentas de trabalho.

Dado esse confirmado pelo IBGE (2018) no ano de 2017, somente 52% dos estabelecimentos da agricultura familiar conseguiram o financiamento para a produção, ou seja, apenas 784.228 estabelecimentos conseguiram, o que foi obtido por meio do Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar - Pronaf.

Com a falta de financiamento para o custeio de novas ferramentas de trabalho, e por isso, obtendo poucos resultados em seu trabalho, além da falta de conhecimentos sobre como precificar sua produção, avaliar o valor dos juros de seus empréstimos, podem ser causas do crescente abandono por parte dos filhos do trabalho familiar e irem em busca de outros meios de sobrevivência na área urbana (Lorini, 2017).

Evidenciando dessa forma a importância de se criar meios para a valorização do trabalho no contexto da agricultura familiar para os jovens, e ao mesmo tempo incentivar os seus pais e em especial as mulheres a adequarem-se as novas exigências de mercado como do uso de inovações tecnologias e adequação dos seus recursos, como se projeta nesse estudo do aprendizado da matemática financeira. Evidenciando a necessidade de se investigar quais os principais fatores que levam os jovens a buscarem as cidades para trabalharem, abandonando até mesmo o seu direito de sucessão na propriedade familiar.

1.4.1 A (não) permanência do jovem no campo

Nesse contexto, cabe esclarecer dificuldades também em estabelecer uma sucessão paterna na propriedade rural, o que varia conforme o gênero, o nível educacional, a necessidade e a renda das famílias. Ademais, já se tornou ultrapassado o caráter sucessório quase que natural, em que o patriarca condicionava os filhos a permanecerem na propriedade, repartindo ou comprando terras agregadas no intuito de instalar os filhos próximos, mas de forma independente; por sua vez, estes cuidariam dos pais com a promessa de herança (Abramovay et al., 1998).

Nessa perspectiva, apesar da grande quantidade de pessoas vinculadas ao eixo da agricultura familiar, pode-se visualizar uma diminuição no número de jovens nessa atividade ao longo dos anos.

Barcellos (2015) retrata essa tendência, ilustrando uma redução de cerca de 1 milhão de jovens entre 15 e 29 anos que deixaram de pertencer à população rural em uma década. A população rural em 2000 era de 31.835.143, dos quais cerca de 9 milhões eram de faixa etária jovem (15 a 29 anos); já, em 2010, havia 29.830.007 habitantes, com 8 milhões de jovens.

A diminuição do tamanho das famílias rurais e, muitas vezes, a falta de interesse do jovem em continuar na atividade agrícola ou a necessidade em deixar tal atividade causam o aparecimento de um problema: o aumento das unidades produtivas comprometidas pela ausência de sucessores (Matte *et al.*, 2019).

Comparando-se, por exemplo, contextos sucessórios entre filhos de agricultores e pecuaristas familiares, Matte *et al.* (2019) reforça a não intenção de filhos de agricultores familiares em retornar à propriedade rural por não necessitar sobreviver dela, apesar da perspectiva de herança após a ausência dos pais.

A decisão dos jovens em continuar ou não na propriedade rural, geralmente, está ligada a fatores como políticas públicas atraentes, direcionamento acadêmico estudantil no desenvolvimento das pequenas propriedades rurais, proximidade e atratividade dos centros urbanos, influências internas relacionadas à composição da família, tais como nível de riqueza, escolaridade, faixa etária e gênero (Castro, 2017).

Savian (2014) coloca que a decisão de ficar no campo ou deixá-lo ocorre conforme os propósitos do indivíduo, mas é influenciada pelo contexto social em que ele se insere. Castro (2017) confirma que a nomenclatura jovem rural deve ser analisada como categoria, em que reflexões sobre, por exemplo, hierarquia paterna, crises e mudanças da realidade rural, entre outros, devem compor o *constructo* das relações sociais e das decisões entre ficar no campo e sair dele.

A autora Castro (2017) ilustra que esse jovem, como ator social, ocupa posição de destaque nos discursos, porém não na prática, pois as mudanças na relação rural-urbano, o maior acesso à informação e a educação mais comumente urbana, por exemplo, têm deixado o trabalho no campo como uma opção, e não mais como necessidade.

É possível observar que o êxodo dos jovens rurais, muitas vezes, é estimulado pelos pais, ao proporcionar uma condição melhor de estudo aos filhos na cidade. Isso

permite a esses jovens o acesso ao mercado de trabalho urbano, tornando a propriedade rural uma opção, entre outras, para sustento e sobrevivência.

Na tentativa de contornar essa situação, Panno e Machado (2014) destacam a importância do desejo da família em querer que o jovem permaneça no estabelecimento rural ou retorne a ele. Para tanto, os autores salientam que é necessário que os pais ofereçam condições para isso, sendo fundamental a divisão de tarefas com autonomia e responsabilidades, além da participação no processo decisório.

Essa situação ideal não é regra no mundo rural brasileiro, pela diversidade de condições (econômicas, sociais, estruturais, ambientais etc.) em que se encontram os sujeitos no campo. Em muitos casos, o nível educacional dos entes da família é tão baixo que não permite acesso ao mercado de trabalho na cidade. Nessa condição, o estabelecimento rural continua sendo uma necessidade de sobrevivência, limitando o êxodo dos jovens.

O nível baixo dos rendimentos gerados nos estabelecimentos rurais, quando impacta no sustento da família, força alguns dos entes familiares, principalmente os filhos, a recorrer ao trabalho na cidade, mesmo que em situações precárias (Wilkinson, 2008).

Assim, o êxodo não é uma opção, mas uma necessidade de sustento da família. Por esse motivo, a opção de os jovens ficarem na propriedade rural ou saírem dela não é algo simples, pois o contexto social interfere nesse processo de tomada de decisão (Savian, 2014).

No estudo realizado por Costa e Ralisch (2013), essa condição da renda limitada fica compreensível. Os autores buscaram, por meio de um estudo de caso, conhecer os anseios, as perspectivas de futuro e a realidade em que vivem os jovens rurais, moradores do assentamento Florestan Fernandes, localizado em Florestópolis-PR.

A pesquisa de Costa e Ralisch (2013), foi realizada com 27 jovens (18 homens e 9 mulheres), e os resultados mostraram que a maioria deles manifestou a vontade de continuar vivendo no assentamento, mas, por causa da limitação da renda obtida na propriedade, muitos deles sentiam a necessidade de buscar independência financeira. Isso se deveu, em parte, por falta de estímulo da própria família para que os jovens permanecessem na propriedade rural e pela maioria das entidades

governamentais e não governamentais que não incentivavam a permanência da juventude no campo.

No sentido de ampliar essa complexidade, quando se avalia o contexto da agricultura familiar no Brasil, as condições sentimentais e de pertencimento geram identificações fortes com o lugar e a terra. O lugar de nascimento e de crescimento, assim como o cotidiano de vida na propriedade rural, gera sentimentos nostálgicos que estimulam a permanência ou retorno dos jovens (Savian, 2014).

Para aqueles que saíram ou que vivem uma relação que aproxima o rural do urbano, esse sentimento de pertencimento e familiaridade com o campo faz com que os jovens enxerguem na vida rural um espaço mais tranquilo para se viver, em oposição à vida “mais difícil” da cidade (Jurado; Tobasura, 2012). Esta condição sentimental, de pertencimento ao campo e de nostalgia dele, é estímulo para manutenção ou retorno do jovem rural, apesar de não ser decisiva.

O estudo de Boessio e Doula (2016) investigou a percepção dos jovens (faixa etária entre 18 e 29 anos), filhos de famílias associadas à Cooperativa Agropecuária de Patrocínio (Coopa-MG), sobre o incentivo das instituições (cooperativa e família) para permanência deles no meio rural e na atividade agropecuária.

Os resultados mostraram que, embora houvesse apoio familiar (90,9%), na percepção dos jovens a cooperativa também era vista como instituição incentivadora (68,18%), demonstrando que a importância em sua escolha de permanência no meio rural foi estimulada tanto pelo incentivo familiar – vinculado à tradição, sentimento de pertencimento e consideração do campo como um lugar tranquilo para morar – como pelo fato de a cooperativa oferecer condições para melhorias na produção agropecuária. Destaca-se que a maioria (86,36%) dos entrevistados pretendia continuar nas propriedades familiares, mantendo a atividade já desempenhada pela família (Boessio; Doula, 2016).

Em razão dessa complexidade, um fator importante capaz de estimular a permanência (ou não) do jovem no campo é o processo de sucessão rural. Grubbström e Sooväli-Sepping (2012) colocam que as decisões relativas à sucessão são cruciais para a sobrevivência da propriedade e para a manutenção da posse da terra dentro da família.

Um dos postos-chaves é a escolha do sucessor, que é impactada por fatores como: a vontade do filho em ficar e assumir a propriedade; a dificuldade em decidir entre os filhos quem será o sucessor; a resistência do pai em transferir a gestão e o

controle da propriedade; e a falta de planejamento no processo sucessório (Mate; Machado, 2017).

Abramovay et al. (2001) e Ahlert (2009) reforçam que o planejamento e a discussão da sucessão não acontecem na maioria dos estabelecimentos familiares rurais brasileiros. É importante que o pai proporcione formação adequada aos filhos, discuta, de forma organizada, sobre o processo sucessório o mais cedo possível e planeje gradualmente essa sucessão. Isso, facilita inclusive que o produtor rural propicie a resolução de problemas e situações conflitantes enquanto ainda estiver no comando da propriedade.

O planejamento no processo sucessório minimiza os conflitos que possam existir entre os herdeiros, assim como permite à família pensar na distribuição dos bens ou divisão/manutenção das terras após a morte dos pais. Mas essa é uma condição ideal que não se efetiva, conforme salienta Ahlert (2009), no mundo rural brasileiro.

Moreira e Spanevello (2019) demonstraram que existem vários arranjos referentes ao processo de sucessão geracional na agricultura familiar. O estudo apresenta seis modelos que retratam a presença de incentivo familiar na sucessão da gestão das propriedades rurais, sem, contudo, os pais se ausentarem totalmente dos negócios, em especial quando a propriedade é maior.

Nesses casos, os sucessores aparecem mais como gestores do que como mão de obra e são estimulados por fatores como autonomia na gestão da propriedade, renda e opção de moradia (se no campo ou na cidade).

O processo de sucessão na agricultura familiar é algo complexo, capaz de gerar várias interpretações e conflitos, como em relação a quem assumirá as responsabilidades na propriedade; aos modos de gestão e diferenças entre pais e filhos (Brumer; Anjos, 2012); à divisão dos rendimentos entre filhos sucessores e não sucessores; ao tempo para sucessão. Assim, a atual pesquisa procura contribuir ao abrir caminho a mais reflexões sobre a pluralidade de problemas e conflitos familiares, com fatores internos, bem como problemas sociais, econômicos e políticos, como fatores externos, que interferem na dinâmica da sucessão na agricultura familiar.

Diante dessas discussões teóricas, é possível identificar três grandes categorias que influenciam a permanência do jovem no meio rural: primeiro a história familiar e com o campo, que evidencia os conflitos, sentimentos e relações entre pais

e filhos durante os anos de vida na propriedade rural; e do quanto a relação familiar possa ter influenciado na decisão de permanecer ou não na propriedade rural.

Segundo fator, se referem aos estímulos/obstáculos à permanência no campo, como a condição econômica e social da família que podem influenciar para que o meio urbano possa ser mais ou a menos atrativo para o jovem.

As perspectivas/alternativas/possibilidades, em que a decisão de permanecer na propriedade rural, ou não, poderá estar afetada diretamente pelo processo sucessório e as diversas relações tanto parentais como políticas sociais e econômicas que podem interferir diretamente para a tomada de decisão.

1.5 Educação matemática financeira

A Educação Matemática Financeira ou apenas Educação Financeira, segundo a Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico - OCDE, (2005) deveria começar a ser ensinada nas escolas, o mais breve possível.

O Brasil desde o ano de 2010, vem sendo trabalhado por meio do Programa Educação Financeiro na Escola com o objetivo de melhorar o conhecimento sobre o sistema matemático/financeiro da população brasileira.

[...]educação financeira é “o processo mediante o qual os indivíduos e as sociedades melhoram a sua compreensão em relação aos conceitos e produtos financeiros, de maneira que, com informação, formação e orientação, possam desenvolver os valores e as competências necessários para se tornarem mais conscientes das oportunidades e riscos neles envolvidos e, então, poderem fazer escolhas bem-informadas, saber onde procurar ajuda e adotar outras ações que melhorem o seu bem-estar. Assim, podem contribuir de modo mais consistente para a formação de indivíduos e sociedades responsáveis, comprometidos com o futuro”. (Brasil, 2013, p.23).

Posteriormente se tornou no Brasil um dos temas transversais na Base Nacional Comum Curricular, e que deve ser iniciado desde a educação infantil e no ensino fundamental, ação essa formulada através de sua homologação em 2017 (Brasil, 2017).

Entretanto, o ensino da matemática financeira não deve ser ministrado nas escolas como um componente disciplinar e sim como parte da estrutura da disciplina de matemática (Brasil, 2020).

Como componente curricular para o ensino fundamental, deve ser trabalhado temas que envolvem o aprendizado das quatro operações e que envolvam taxas de

juros, aplicações financeiras, inflação, impostos, investimentos e no ensino médio, operações que envolvam o sistema monetário nacional e internacional (Brasil, 2020).

Para Oliveira (2022), devido à Pandemia do Covid-19, os professores não foram preparados para incluírem esse ensino nas suas aulas de matemática e por isso, ainda não se tem resultados positivos sobre essa inserção no aprendizado de matemática nas escolas. Esse quadro é preocupante devido aos resultados obtidos em avaliações anteriores realizadas sobre o desempenho escolar dos alunos brasileiros realizados por meio do Sistema de Avaliação da Educação Básica.

Dados do Saeb de 2017, constata que dentre alunos do ensino fundamental, estudantes do 5º ano, com idade média de 10 anos, apresentam 11,9% de nível de aprendizagem adequada em português e 15,5%, em matemática (Brasil, 2017).

A análise diante da avaliação anual do Saeb (Brasil, 2017) de que a cada 100 alunos do 5º ano avaliados, a metade destes não são capazes de “converter uma quantia dada em moedas de 5, 25 e 50 centavos e 1 real em cédulas de real.

A mesma análise indica que alunos do ensino médio, a defasagem de aprendizagem matemática financeira se amplia, e se constata que menos de 4,5% dos alunos avaliados possuem aprendizagem matemática adequada. E em uma avaliação realizada pelo Programa Internacional de Avaliação de Estudantes, da Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico. O Brasil obteve o pior desempenho em matemática entre os 45 países que participaram de uma avaliação realizada em 2015.

Segundo Oliveira (2022), essa defasagem de conhecimentos financeiros/matemáticos não é apenas dos estudantes, em que praticamente 50% da população adulta apresentam algum tipo de dificuldade financeira. Devido à essas questões, diversos projetos vêm sendo desenvolvidos como do Instituto Brasil Solidário, utilizando jogos que ensinam economia doméstica.

O que para Souza *et al.* (2023), a educação financeira deve ser estendida para todos os familiares e não apenas para os alunos em sala de aula. Portanto, algum outro vínculo deve ser formado para que a população que se encontra em defasagem de conhecimentos matemáticos/financeiro seja inclusa nessas propostas de aprendizagens.

Ainda em Oliveira (2022), se relata que a questão de dificuldade em relação a cálculos financeiros não é apenas da população brasileira, em avaliação realizada pela PISA, 20 países, todos apresentaram algum grau em relação a essa questão. Ou

seja, há necessidade de aprimorar os conhecimentos matemáticos financeiros das populações, pois, além das escolas não terem esse vínculo de ensino, a análise constatou que no caso brasileiro 90% dos estudantes aprendem esse conhecimento em casa e não na escola.

Em estudo apresentado pelo Ministério da Educação (Brasil, 2018) as propostas contidas na Base Nacional Comum Curricular, visam a promoção da educação financeira e de orientar sobre o consumo, custos e taxas de juros, passando para temáticas de inflação e aplicações financeiras e impostos. Ou seja, levar os alunos a entenderem os custos embutidos em suas compras e de como planejar seus gastos diante de suas possibilidades financeiras.

O BNCC também visa priorizar no ensino da matemática financeira, o estudo do dinheiro e sua função na sociedade. O que se entende que além do saber sobre transações financeiras, se visa orientar sobre o uso de *marketing* para a promoção de bens que são colocados como necessários para as pessoas. Devido ao alto uso da propaganda, dificultando o real entendimento entre o necessário e o ato de apenas consumir por estar sendo divulgado pelas redes sociais.

Essa proposta do BNCC (Brasil, 2018) deveria ser colocadas em prática a partir do ano de 2020, e dentre as ações se previa a elaboração de Projeto de Vida, como uma das atividades a serem orientadas nas escolas em educação financeira, como de organização, planejamento, estabelecimento de metas, e aspirações, a serem planejadas desde o ensino fundamental. Segundo o BNCC, as propostas de Projeto de Vida deveriam ser anexadas envolvendo todas as demais disciplinas e não apenas a matemática.

1.6 Desenvolvimento local

Quando se fala em local no contexto do desenvolvimento econômico, é preciso entender alguns fatores como o capital social que traduz a ideia de que as relações sociais e as normas sociais podem dar acesso a recursos valiosos que podem melhorar o bem-estar dos indivíduos no local, dessa forma fundamentando o bem-estar econômico (Callois; Schmitt, 2021).

[...] o local não se refere ao tamanho de uma região, mas abarca o conjunto de relações que existem em um determinado território, seja ele uma microrregião ou uma cidade, considerando as heterogeneidades e

especificidades do lugar, considerando os atores sociais e a institucionalidade da localidade, com sua diversidade e potencialidades econômicas, sociais, ambientais e as diferentes alternativas de atuação para a transformação e o desenvolvimento do local (Martins *et al.*, 2010, p. 561).

Cada local tem suas peculiaridades e singularidades, a ideia de valorizar e desenvolver políticas públicas voltas para o desenvolvimento regional teve início na década de 1970, no Brasil, tendo uma trajetória de experiências e resistências até a promulgação da Constituição Federal de 1988.

Já o conceito de economia local foi criado por Muhammad Yunus quando defendeu a ideia de uma economia centrada nas pessoas, em sua localidade, com o objetivo de que homens, mulheres e jovens, não tenham que abandonar o seu local de nascimento para encontrar meios de subsistência, ou seja a criação do “negócio social” (Oliveira; Lima, 2021).

Esse conceito destaca a necessidade de ocorrer oportunidades do desenvolvimento local formando meios de subsistência no próprio local onde residem as pessoas. A proposta é que as instituições financeiras apoiem o empreendedorismo de todas as pessoas (Oliveira; Lima, 2021).

A teoria do “negócio social”, considera que os jovens permaneçam nas localidades, para que isso aconteça é necessário que as instituições acadêmicas ofereçam ensino superior de qualidade, tanto no f presencial como EAD, garantindo que as populações rurais e urbanas tenham as mesmas oportunidades. Isso deve ser feito como uma questão de política e de direito da população rural e urbana (Bizarria *et al.*, 2019).

Desenvolvimento local ou economia local tem como fundamento que os “atores regionais sejam protagonistas na formulação de estratégias, na tomada de decisões e na hora de colocá-las em prática, promovendo a inclusão social e fortalecendo a democracia, também combatendo a pobreza” (Legado das Águas, 2017, p. 1).

Diante disso a proposta revolucionária do negócio social é manter a concessão de microcrédito que venha possibilitar que pequenos investimentos possam ser disponibilizados à sociedade, promovendo uma revolução na vida das pessoas que o recebem, assim, de forma geral, constata-se que o desenvolvimento local compreende importantes dimensões, tais como “a inclusão social, o fortalecimento e a diversificação da economia local, a inovação na gestão pública, a proteção

ambiental, o uso racional de recursos naturais e a mobilização social” (Legado das Águas, 2017, P. 1).

O desenvolvimento econômico local é indiscutivelmente afetado por todas as atividades do governo local. No entanto, a política de desenvolvimento local é geralmente definida de forma mais restrita como atividades especiais, realizadas por grupos públicos ou privados, para promover o desenvolvimento econômico das regiões.

As atividades rotuladas como “programas de desenvolvimento econômico” se enquadram em duas categorias: fornecer assistência personalizada direcionada a empresas individuais que pretendem fornecer maiores benefícios de desenvolvimento econômico daquela região; e iniciativas estratégicas em que políticas fiscais, de gastos e regulatórias mais gerais de governo são alterados para promover o desenvolvimento econômico local (Bartik, 2019).

No Brasil, os governos locais (municipais) conquistaram autonomia a partir da Constituição Federal de 1988, com a descentralização de serviços urbanos e rurais, a partir da gestão local democrática, a Carta Magna “reafirmou e reforçou o papel dos municípios como agente promotor do desenvolvimento urbano e rural, priorizando, a partir dos planos diretores, a intervenção urbanística e reguladora do uso do solo” (Coelho, 2000, p.7). E foi no final dos anos 1980 que:

[...] o movimento de descentralização reforça o papel dos municípios no interior da federação, ao mesmo tempo que a política do governo federal, de integração competitiva do Brasil ao processo de globalização, determinava uma política territorial de integração de focos de competitividade, existentes no país, com o mercado mundial. O objetivo de melhorar a articulação destes focos dinâmicos com o exterior, especialmente com a América do Sul, colocou em plano secundário a consolidação do movimento de integração interna gerado pelas ações locais que recrudesciam com o processo de municipalização (Coelho, 2000, p.8).

O desenvolvimento econômico local é cada vez mais considerado como um importante tarefa do governo local. E foi por meio da articulação de “novas modalidades de financiamento e apoio para o desenvolvimento dos pequenos empreendimentos e das experiências de produção comunitária” (Coelho, 2000, p.11), que o processo de desenvolvimento econômico local tomou proporção no nosso país, sendo que:

A primeira modalidade de experiência de desenvolvimento econômico local representa um desdobramento modernizador de formas de atuação mais tradicionais na área urbanística ou política administrativa, realizada através da modernização da infraestrutura local, a criação de distritos industriais

dotados de centros de comunicação, a criação de incentivos fiscais, e a articulação administrativa e financeira entre prefeituras de uma mesma região com o objetivo de criar uma infraestrutura comum para investimentos industriais. A segunda modalidade são aquelas experiências que vêm ancoradas em programas de geração de trabalho e renda, principalmente os que trabalham formas alternativas de financiamento. Uma terceira modalidade são experiências de constituição de redes de desenvolvimento econômico local e que não tem necessariamente a prefeitura como agente promotor de desenvolvimento. Esta modalidade se distingue da segunda por definir um campo de ação mais amplo do que uma política setorial de geração de trabalho e renda. Seu foco está na integração e articulação local de atores econômicos e sociais, não se restringindo a uma política setorial ou ao desenvolvimento de um instrumento de intermediação financeira sem trabalhar os circuitos produtivos e suas demandas reais. O eixo articulador desta integração de atores locais de desenvolvimento econômico pode ter seu foco na capacitação, cuja experiência mais significativa é a do Projeto BNB/PNUD (Coelho, 2000, p.12, 13).

Os governos locais devem promover programas e políticas que venham incentivar o empreendedorismo local. O que segundo Silva (2015) as mulheres no meio rural além de terem que buscar por formação, por estarem entrando em uma área de trabalho que antes apenas tinham informações do que ocorria no dia a dia do trabalho, e agora atuam efetivamente nesse universo de ações laborais, tendo que para isso, como já citado, buscarem conhecimentos fora do âmbito familiar, tendo ainda que provar que são competentes, devido a visão machista do trabalho rural, de ser local de trabalho masculino.

Algo que além mesmo outras mulheres compartilham essa ideia. Por isso, a necessidade da intervenção de políticas sociais para quebrar paradigmas até um tanto ultrapassados. Lembrando que:

[...] o local, enquanto espaço e território que reproduzem a lógica do capital, caracteriza-se pela produção, ainda que em escala mais reduzida, de desigualdade de recursos e poder; de formas de sociabilidade empobrecidas produzidas pela concorrência e pelo estímulo individual advindo da cobiça e do medo; e finalmente, pela exploração crescente dos recursos naturais. Por outro lado, o local, enquanto espaço e território permeável à produção de experiências de resistência e/ou contra hegemônicas, caracteriza-se por produzir espaços nos quais predominam os princípios da igualdade, solidariedade e respeito à natureza (Martins; Caldas, 2009, p.216).

As duas perspectivas apresentadas por Martins e Caldas (2009) são diferentes, mas refletem todas as possibilidades e experiências que o empreendedor local pode vivenciar, sendo que a lógica permeável mostra as experiências que podem resultar em parcerias e colaborações de operação no mercado, que podem ganhar escalas elevadas, saindo do regional, passando pelo estadual, federal e chegar ao internacional. Quando se fala em empreendedor local é preciso entender mais detalhadamente os fundamentos que o caracterizam.

3 – OS ESPAÇOS DA PESQUISA

3. Metodologia empregada

A aplicação da pesquisa de campo, ocorreu após a análise dos referenciais teóricos relacionados a temática empreendedorismo feminino e conhecimentos financeiros/matemáticos. E pela prática efetiva do uso da matemática financeira, envolvendo alunos de uma escola pública localizada em Campo Verde – MT, com maioria dos alunos filhos de mulheres empreendedoras, para que os alunos pudessem compreender o processo de precificação de sua produção e orientações sobre o uso dos rendimentos da produção e comercialização.

3.1 O questionário aplicado às mulheres empreendedoras

Nesse contexto que este trabalho apresenta o desenvolvimento de uma pesquisa de campo, que quantifica e qualifica o perfil das mulheres empreendedoras tanto do âmbito urbano e rural, do município de Campo Verde (MT), foi aplicado um questionário abrangendo o perfil das empreendedoras, perfil das empresas, levantando dados sobre o principal motivo que levou essas mulheres a empreenderem, os desafios encontrados e o comportamento dessas empreendedoras femininas diante do negócio.

De uma amostra de aproximadamente 200 mulheres empreendedoras (de acordo com dados do Sebrae/MT) em Campo Verde, foi localizado com auxílio dos gestores do Sebrae, 50 empreendedoras, que aceitaram participar da pesquisa, sendo 25 da área rural e 25 da área urbana. Os questionários foram aplicados pela pesquisadora, usando como meio de comunicação presencial, celular, e-mail e WhatsApp, que em contato com as selecionadas explicou a finalidade da pesquisa e diante do consentimento delas, enviou o questionário para ser respondido, ficando a disposição para eventuais dúvidas sobre as questões, estipulando um prazo de 7 dias para a devolutiva do questionário respondido.

No final do prazo estipulado, aquelas que não tinham devolvido o questionário respondido, a pesquisadora entrou em contato novamente, solicitando o envio, e então foi recebido ao todo, 20 questionários respondidos, dos quais 12 foram de empreendedoras do meio urbano e 8 do meio rural. Tendo assim, a diminuição do contexto exploratório da pesquisa, o qual já se previa, mas, que ainda assim, foram um total de 40% do total dos questionários enviados para a pesquisa.

3.2. – O projeto de horta na escola

3.2.1 Projeto horta na escola

Justifica-se esse projeto por poder atuar no espaço escolar, o qual ofereceu um ambiente propício na escola, o projeto de criação de uma horta permite a multidisciplinaridade como um fator de integração de conhecimentos e dos próprios alunos, em educação financeira e matemática.

Outro ponto fundamental, é que além de ocupar um espaço físico ocioso, os alimentos produzidos podem exercer um papel complementar na merenda escolar, caso a ela seja oferecida na escola. É possível, ainda, estimular hábitos alimentares mais saudáveis, e a preservação do meio ambiente.

Foram propostos os seguintes objetivos para esse projeto:

- Trabalhar conceitos de educação ambiental; matemática e educação financeira
- Despertar o pensamento crítico no aluno para que ele se reconheça enquanto parte do meio ambiente, e por isso, é necessário preservá-lo;
- Utilizar o espaço e os alimentos cultivados para ministrar aulas multidisciplinares a respeito de conteúdos relacionados à horta em ciências, biologia, geografia, matemática e educação financeira e outras matérias pertinentes;
- Estimular a adoção de bons hábitos alimentares;
- Produzir insumos que podem gerar renda para as famílias da área rural;
- Valorizar o trabalho em equipe;
- Conscientizar a respeito da importância dos alimentos orgânicos, não só pela questão da saúde, mas pelo viés da importância econômica, uma vez que são cultivados principalmente por pequenos produtores;

- Trabalhar o processo de cultivo de alimentos e todas as variáveis que o envolvem;
- Estimular a observação como meio para levantar hipóteses e solucionar problemas.

O desenvolvimento do projeto horta na escola será feito em uma série de etapas. Em todas elas, é importante a integração entre os alunos, suas mães e os professores da escola e demais profissionais da escola envolvidos.

Em todas elas há algo que pode ser utilizado como fonte de aprendizado para os estudantes. Solos, tanto a medição quanto a preparação, o clima, variedade das plantas e irrigação são alguns dos temas que podem ser abordados.

1ª Etapa: Elaboração do projeto

Antes de tudo, é preciso cuidar da elaboração do projeto. Para isso, é possível tomar o presente projeto como base, apenas adaptando-o para a realidade de cada escola.

2ª Etapa: Escolha do local

Uma vez que o projeto esteja pronto e toda a comunidade escolar esteja ciente da importância da horta, o próximo passo é escolher, dentro da escola, o local mais adequado para o desenvolvimento.

Neste local, é preciso levar em consideração a presença de alguns fatores, tais como o espaço que possibilite uma boa execução do projeto, solo propício para plantações, fonte de água próxima, alta incidência solar, fácil acesso tanto de professores, quanto de alunos.

3ª Etapa: Escolha das variedades e preparação adequada do solo

Antes de iniciar a plantação, é necessário certificar-se de que o solo está pronto para receber a plantação. Aqui também é válida a elaboração de um projeto, ou até mesmo de um esboço, para que o local seja mais bem aproveitado. Nesta etapa, ter em mente o que será plantado pode facilitar o processo, uma vez que cada tipo de planta se adequa melhor a um tipo de espaço.

Na hora de escolher o que plantar, é preciso levar em consideração aqueles produtos que são favoráveis ao clima do local, os que sejam da estação, e ainda, como eles podem ser úteis na aprendizagem dos alunos.

Escolhidas as variedades, é hora de preparar os canteiros, vasos, caixas ou qualquer outro tipo de local onde será feita a plantação.

4ª Etapa: Plantio e manutenção

Cumprindo todas as etapas acima, o próximo passo envolve o plantio dos vegetais. Há alguns que são plantados em sementes e outros em mudas, para cada um deles é importante observar o procedimento adequado.

Terminada a etapa do plantio, os alunos, junto com os professores e funcionários encarregados, se responsabilizarão pelos cuidados necessários e pelo acompanhamento da horta.

Chegado o período de colheita, os alimentos poderão ser encaminhados para a cozinha e consumidos usados como forma de complementar a merenda escolar. Se a escola não oferecer merenda, é possível pensar em outras soluções, como a doação para instituições filantrópicas, por exemplo.

COLHEITA E VENDA DO PRODUTO PAR AO MERCADO LOCAL.

4 – ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

4.1 Perfil das Empreendedoras Urbanas e Rurais de Campo Verde - MT

Considerou-se relevante situar a idade das mulheres empreendedoras, para visualizar o perfil dessas trabalhadoras, como na investigação se são mães de alunos em idade escolar de ensino fundamental e ou médio, como para se verificar as faixas etárias desse contingente, assim como na identificação dessas faixas etárias entre empreendedoras rurais e urbanas. No que se constatou como se verifica no gráfico 2:

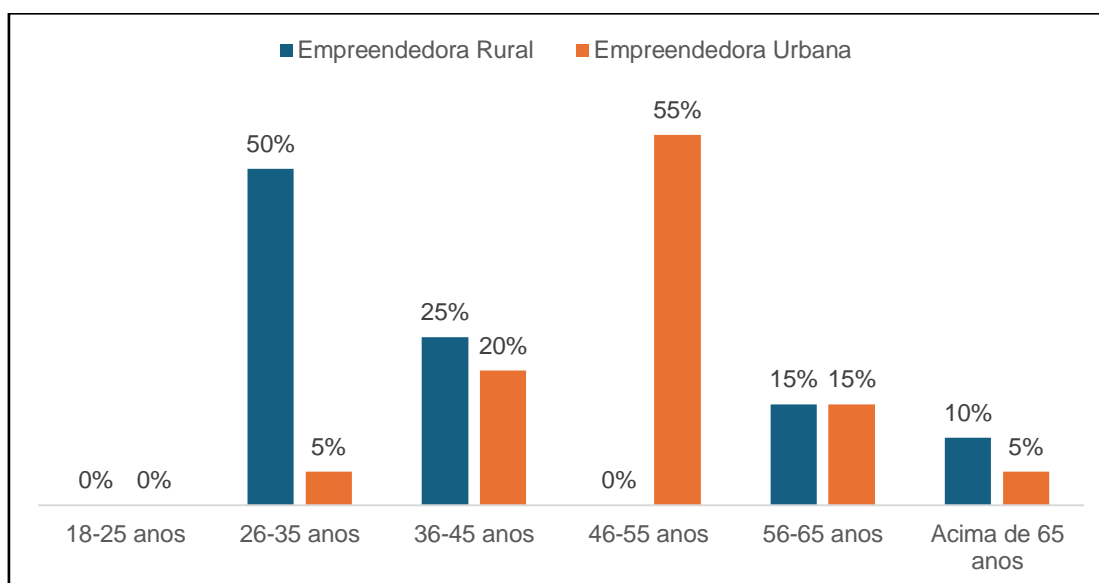


Gráfico 2 – Idade

Fonte: Pesquisa realizada pela autora (2023)

Os dados obtidos nesse item da pesquisa, indicam que na faixa etária entre 18-25 anos não havia empreendedora entre as pesquisadas, nem no ambiente urbano nem no rural. Mesmo porque, em sua maioria são mães de estudantes de adolescentes, e quase sempre essas idades não correspondem a esse perfil. Entretanto, para as mulheres com idade entre 26-35 anos constatou 50% das empreendedoras rurais, e apenas 5% de empreendedoras urbanas.

Na idade entre 36-45 anos, era a idade de 25% das empreendedoras rurais e 20% das empreendedoras urbanas. Na idade entre 46-55 anos estavam nessa faixa etária 55% empreendedoras urbanas. Na idade de 56-65 anos, ambas as pesquisas com empreendedoras rurais e urbanas, foi destaque de 15% respectivamente.

Acima de 65 anos era a idade de 10% das empreendedoras rurais e 5% das empreendedoras urbanas. E no comparativo entre homens e mulheres empreendedores nas pesquisas realizadas pelo Gem (2022), verifica-se pela figura 3, dados semelhantes do perfil feminino apresentado pela atual pesquisa, com maior percentual na faixa intermediária entre os 35 e 55 anos praticamente tanto para homens como para as mulheres.

Corroborando com pesquisa realizada com Santos *et al.* (2018) verificaram que no município de Arcos-MG, as empreendedoras também eram jovens com idade entre 25 e 44 anos (60,71%). E dados do GEM (2023) mostra que as empreendedoras brasileiras são jovens (53% têm até 44 anos).

Já as empreendedoras urbanas são na maioria de meia idade, o trabalho de Coleti *et al.* (2021), com empreendedoras da cidade de Frutal-MG, identificaram que 60% delas possuíam idade de 31-40 anos, 22,5% se encontram entre 20-30 anos, 17,5% tinham idade entre 41-50 anos. Estudo que também mostra a maioria de empreendedoras com meia idade.

Diante dos dados analisados considera-se que as empreendedoras rurais do município de Campo Verde-MT, que participaram da pesquisa são na maioria jovens com idade entre 26 e 35 anos, já as empreendedoras urbanas que participaram da pesquisa são de meia idade entre 46 e 55 anos,

Quanto a escolaridade as empreendedoras rurais de Campo Verde (MT), que participaram da pesquisa, na maioria frequentaram o ensino fundamental incompleto, enquanto as empreendedoras urbanas possuem ensino médio completo. Uma pesquisa do Sebrae (2021) aponta que em nível nacional 29% das empreendedoras têm nível superior, 39% nível médio, 24% ensino fundamental.

A pesquisa do Sebrae/MT (2023) mostra que as empreendedoras do estado de Mato Grosso, na maioria, possuem ensino superior completo (21%), ensino médio completo (18%), ensino superior incompleto (12%), mestrado e pós-graduação (8% respectivamente), ensino médio incompleto e ensino fundamental completo (10% respectivamente), ensino fundamental incompleto (5%) e analfabetas (4%).

Em um comparativo com a distribuição por faixa etária e gênero no empreendedorismo brasileiro como verificado na pesquisa do Sebrae (2019), observa-se:

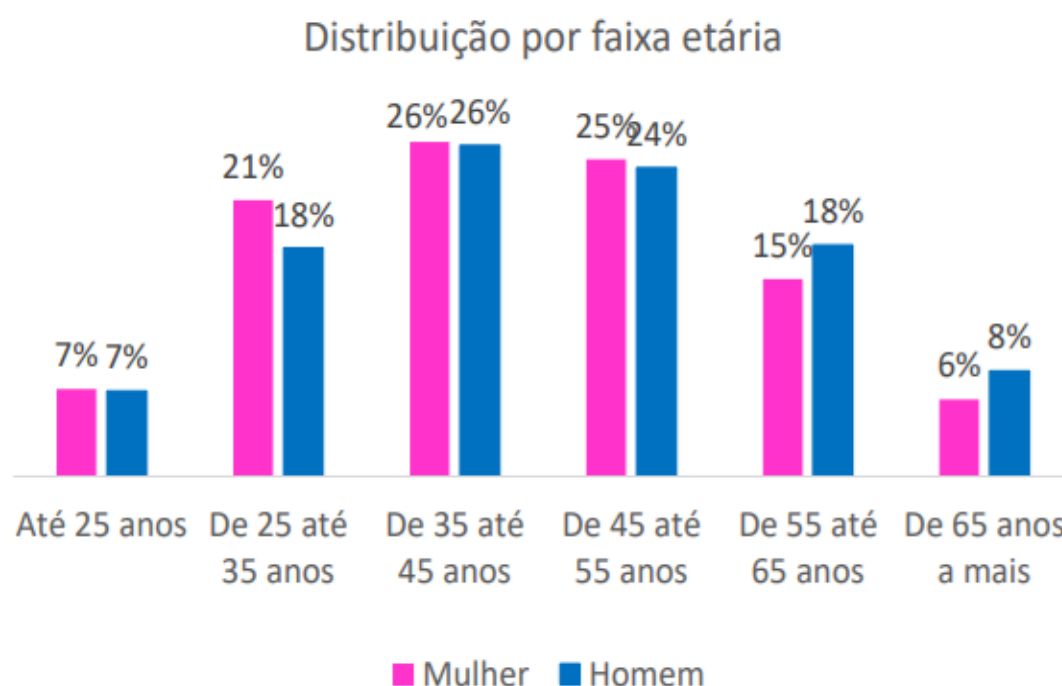


Gráfico 3 – Distribuição por faixa etária e gênero no empreendedorismo
Fonte: Sebrae (2019).

Esses dados corroboram com a Pesquisa Global de Empreendedorismo GoDaddy (Valor Econômico, 2024), em que se constatou 50% das mulheres brasileiras empreendedoras fazem parte do chamado grupo Millennials ou seja, melhores com idade entre os 25 e 39 anos, a mesma pesquisa, indica que o fator que levam esse grupo etário a investirem é a própria necessidade de subsistência e ou de melhoria da renda familiar.

Na questão que indagava sobre a escolaridade das empreendedoras rurais e urbanas, os dados estão descritos no gráfico 4, no que se refere ao estado civil das empreendedoras rurais pesquisadas 50% casadas ou união estável e 50% solteiras, enquanto 60% das empreendedoras urbanas são casadas e 40% solteiras.

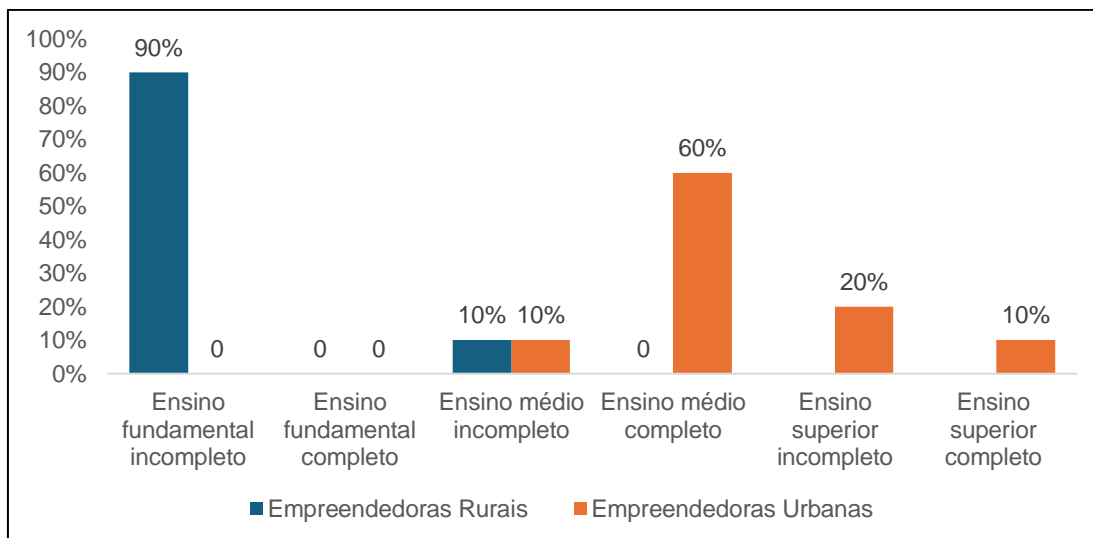


Gráfico 4 – Escolaridade

Fonte: Pesquisa realizada pela autora (2023)

Obtendo-se como resultado nesse quesito que 90% das mulheres de Campo Verde (MT) que empreendem e foram pesquisadas, indicaram que frequentaram o ensino fundamental incompleto e 10% com ensino médio incompleto, observa-se que as empreendedoras rurais possuem baixa escolaridade.

Enquanto as empreendedoras urbanas, na maioria possuem ensino médio completo (60%), 10% declararam ensino médio incompleto, 20% destacaram ensino superior incompleto e 10% ensino superior completo. As empreendedoras urbanas da pesquisa na maioria possuem ensino médio completo. Na pesquisa do Sebrae/MT, (2023) verificou-se que 58% das mulheres empreendedoras eram casadas ou união estável, 28% solteiras, 12% viúvas e 3% divorciadas.

Ainda segundo a Pesquisa Global de Empreendedorismo GoDaddy (Valor Econômico, 2024), as mulheres empreendedoras do grupo Millennials estudaram menos do que os homens, em que esses tiveram em torno de 12 anos de estudos escolares e as mulheres apenas 10 anos em média.

Entretanto, a pesquisa Gem (2022) indica um quadro contrário, mesmo não sendo um dado expressivo em relação ao quantitativo de mulheres com bom nível de escolaridade, pois indicou que no ano de 2022, 28% das brasileiras haviam alcançado o ensino superior, em outra pesquisa do Sebrae (Piauí), (Sebrae, 2022) indicou que dentre as mulheres empreendedoras do Brasil o total destas com ensino superior é de 82%, as com nível médio de escolaridade eram em 2022, 40% e as com apenas ensino fundamental eram 22% ainda nesse ano, indicando um percentual abaixo de pesquisas anteriores.

Mesmo diante desse pequeno avanço, o Presidente do Sebrae Carlos Melle considera ser vital a ampliação de meios para a melhoria dos estudos para as mulheres empreendedoras, com o intuito de melhorar suas competências no mercado produtivo. Por terem as empreendedoras quase sempre que enfrentarem uma dupla jornada de trabalho, conciliando o lar e a família, como indicado no item da pesquisa na sequência.

Comparando o estado civil das empreendedoras urbanas e rurais do município de Campo Verde-MT, verificou-se o perfil destacado no gráfico 5 a seguir.

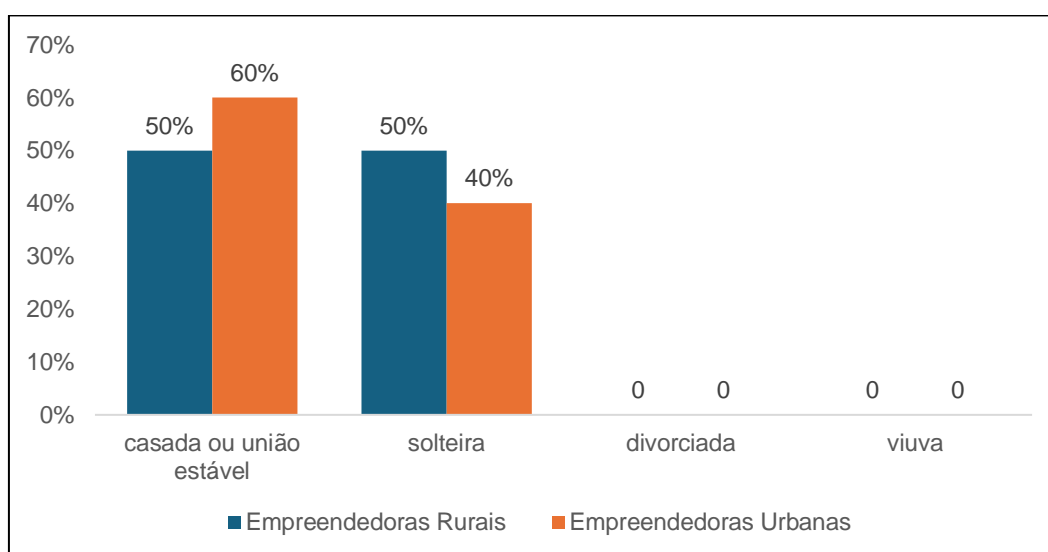


Gráfico 5 – Estado Civil

Fonte: Pesquisa realizada pela autora (2023)

O estado civil das empreendedoras rurais pesquisadas foi 50% casadas ou união estável e 50% solteiras, enquanto 60% das empreendedoras urbanas são casadas e 40% solteiras.

Esses resultados confirmam pesquisas realizadas entre os anos de 2014 e 2016, Gem (2016), em que indicaram como fatores desses percentuais, fatores como necessidades financeiras, desejo de melhorias para suas famílias e uma questão importante destaca que as empreendedoras casadas são mais persistentes na continuidade de seus negócios em relação as solteiras.

Quanto a fonte de rendas das empreendedoras urbanas e rurais do município de Campo Verde-MT, destaca-se no gráfico 6 a seguir.

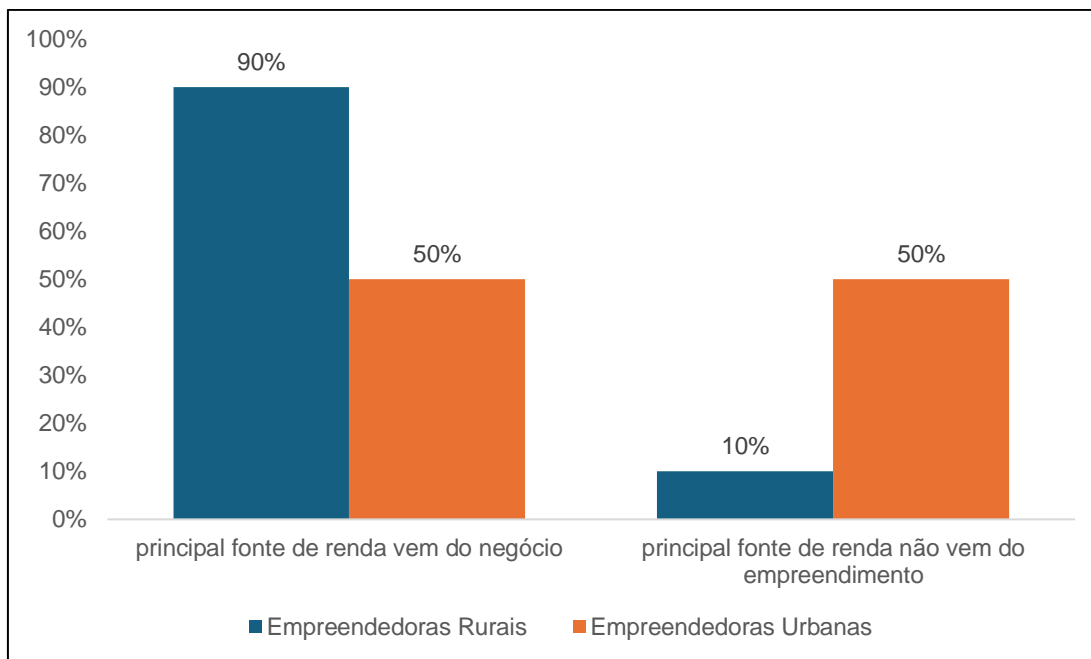


Gráfico 6 – Principal fonte de renda
Fonte: Pesquisa realizada pela autora (2023)

Seguindo o que se observa no gráfico 6, a principal fonte de renda de 90% das mulheres empreendedoras de Campo Verde (MT) vem do negócio rural, 10% têm outras rendas além do negócio rural. No ambiente urbano 50% das empreendedoras responderam que a principal fonte de renda vem do negócio empreendido, as outras 50% responderam que o negócio não é sua principal renda familiar.

Dados semelhantes foram indicados em pesquisa do Sebrae (2022) em relação a fonte de renda de empreendedoras no país, semelhante a esses dados, no setor rural 89% são mulheres que tem o seu empreendimento como principal fonte de renda da família. Do mesmo modo 49% das empreendedoras urbanas possuem outro meio de fonte de renda familiar.

A quantidade de filhos menores e maiores informado pelas empreendedoras urbanas e rurais do município de Campo Verde-MT, destaca-se no gráfico 7 a seguir.

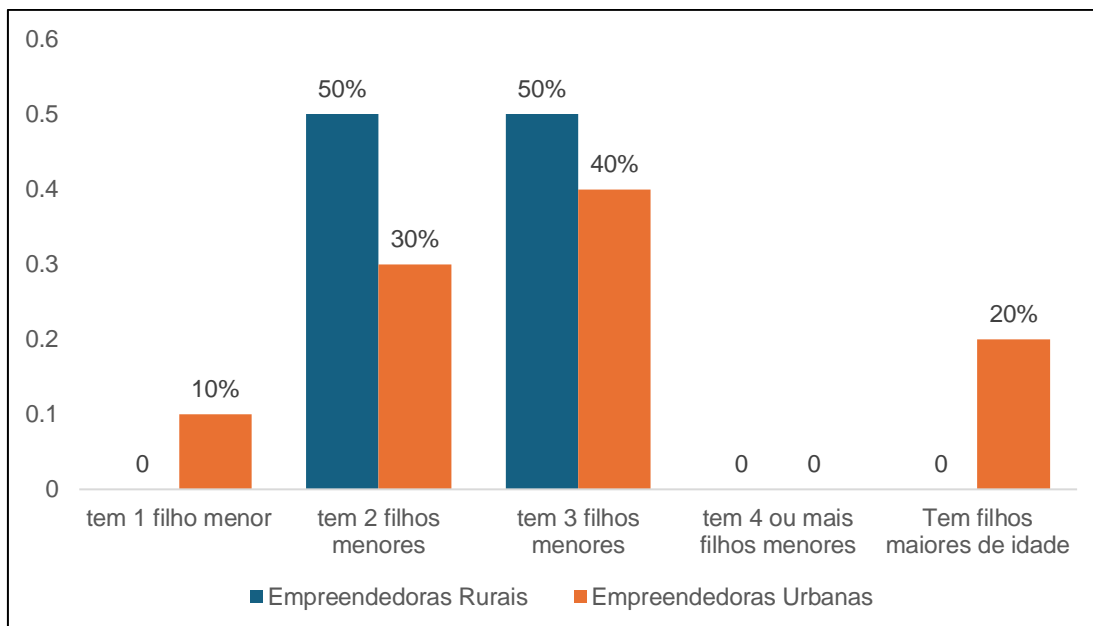


Gráfico 7 – Filhos

Fonte: Pesquisa realizada pela autora (2023)

Conforme apresenta no gráfico, todas, ou seja, 100% das empreendedoras rurais de Campo Verde (MT) têm filhos, 50% responderam que possuem 2 filhos menores, 50% responderam que possui 3 filhos menores de idade. Todas as empreendedoras urbanas de Campo Verde (MT), que participaram da pesquisa, informaram que possuem filhos, das quais 10% mencionaram 1 filho, 30% disseram 2 filhos, 40% disseram 3 filhos e 20% informaram que têm filhos maiores de idade.

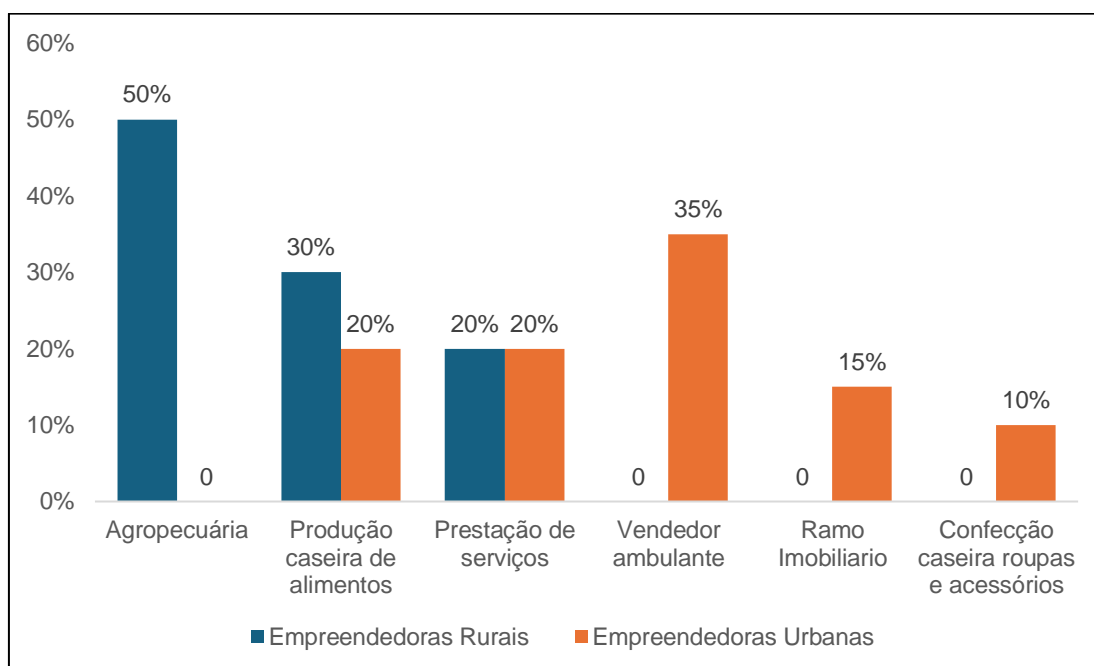
A pesquisa do Sebrae/MT (2023) destacou que 30% das mulheres empreendedoras tem entre 1 e 2 filhos (respectivamente), 16% responderam 3 filhos e 4% disseram 4 filhos.

Dados do Portal PEGN – Pequenas Empresas & Grandes Negócios (Andrade, 2024) indicam que 59% das mulheres que buscam empreender em um negócio próprio tem por finalidade unir o tempo de atenção ao trabalho com a atenção aos filhos, como se percebe buscam o empreendedorismo como fonte de renda. A mesma pesquisa indicou que o quantitativo de filhos por família segue em queda.

O Portal Solidariedade Mulher (2023) destaca o aumento significativo de mulheres mães que vem buscando o empreendedorismo como fonte de renda para suas famílias, e o site Exame (2024) indica que 67% das mulheres mães empreendedoras são mães. Dados estes que leva a constatar a relação da atuação da mãe empreendedora como fator importante para a melhoria da renda familiar.

Um dado importante destacado pelo Sebrae/Piauí (Sebrae, 2023) sobre o ser mãe empreendedora, que 67% das mulheres, decidiram na capital do Estado em iniciarem o seu próprio negócio por serem mães. E assim, poderem coordenar os seus horários de trabalho e dedica      família.

Passando para o questionamento em rela      perfil do negócio informado pelas empreendedoras urbanas e rurais do município de Campo Verde-MT, estão destacados no gráfico 8.



Gráfico 8 – Perfil do negócio
Fonte: Pesquisa realizada pela autora (2023)

Conforme destacado nesse dado, no que se refere ao perfil do negócio, 50% das empreendedoras rurais de Campo Verde (MT), que participaram da pesquisa, empreendem na agropecuária, 30% atuam na produ      caseira de alimentos (doces, queijo, farinha entre outros), elas comercializam seus próprios produtos, 20% das empreendedoras rurais trabalham com presta      servi  os.

As empreendedoras urbanas de Campo Verde (MT), que participaram da pesquisa, 20% atuam na produ      caseira de alimentos (marmitas, pães, doces entre outros), 30% atuam no setor de confe      caseira (confe      de chinelos, roupas em geral), 35% atuam no ramo imobiliário, 35% atuam na comercializa      produtos (vendedora ambulante).

A diversidade da atua      mulher no empreendedorismo está marcante diante dos dados dessa pesquisa, do mesmo modo como se observa nos dados

oferecidos por Sebrae (2021) em que destaca a presença da mulher em todos os âmbitos das empresas, tanto individuais como conjuntas.

Sebrae/MT (2023) identificou que o setor de serviço é liderado por 50% das mulheres empreendedoras, 46% atuam como empreendedoras do comércio, 3% na indústria, 1% atua na construção civil e agropecuária, respectivamente.

Em 2021 segundo Sebrae (2021), mulheres donas de negócios eram 10,3 milhões, o que representa 34,4% do total de donos de negócios no país. Em que o Site AgroAdvance (2023) indica que quase um milhão de mulheres são empreendedoras no agronegócio, com maior força entre as atuantes da economia familiar. Esse número reflete também o fato dos lotes de terra registrados pelo INCRA, nos assentamentos de reforma agrária estarem no nome das mulheres.

O tempo de empreendedorismo informado pelas mulheres urbanas e rurais do município de Campo Verde-MT, estão destacados no gráfico 9 a seguir.

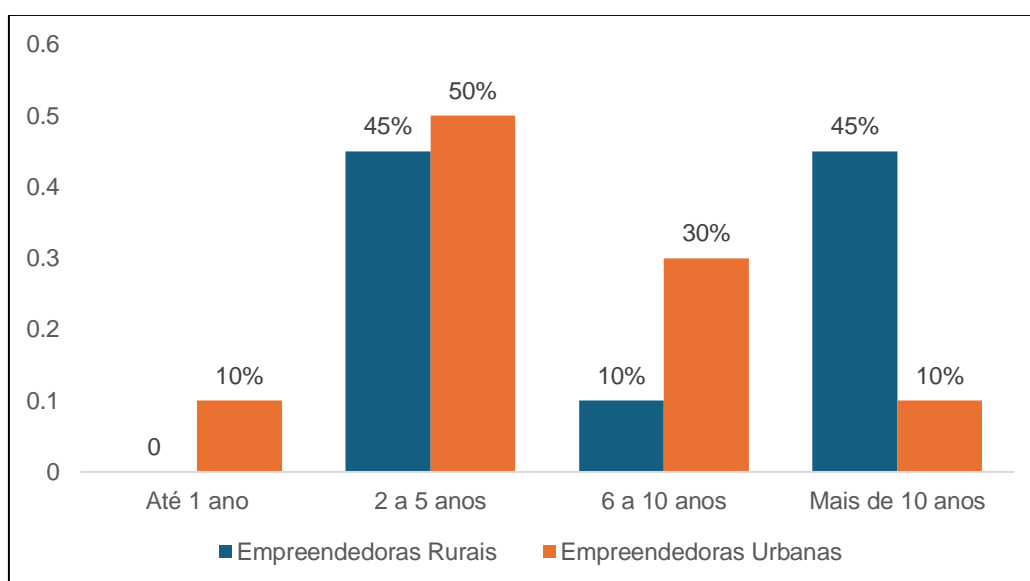


Gráfico 9 – Tempo de Empreendedorismo
Fonte: Pesquisa realizada pela autora (2023)

De acordo com esses dados, as mulheres empreendedoras rurais de Campo Verde (MT), que participaram da pesquisa, 45% têm mais de 10 anos desenvolvendo o negócio, 10% afirmaram atuarem entre 6 e 10 anos no negócio, 45% afirmaram que estão atuando no negócio entre 2 e 5 anos. As empreendedoras urbanas de Campo Verde (MT), que participaram da pesquisa, 10% estão empreendendo até um ano, 50% atuam no negócio entre 2 e 5 anos, 30% atuam até um ano no negócio entre 6 e 10 anos, 10% atuam a mais de 10 anos no negócio.

Esses dados em parte diferem dos apresentados por Sebrae (2022) sobre a entrada da mulher no setor de negócios, pois, indica um aumento expressivo, mas por se tratar de uma localidade do interior do país e voltada para o agronegócio se explica a diferença entre esses dados. Por apresentar um maior contingente populacional feminino no empreendedorismo rural. Enquanto os dados do Sebrae (2022) relatam informações referentes ao setor urbano.

O que também reflete sobre o porte da empresa informado pelas mulheres urbanas e rurais do município de Campo Verde-MT, estão destacados no gráfico 10 a seguir.

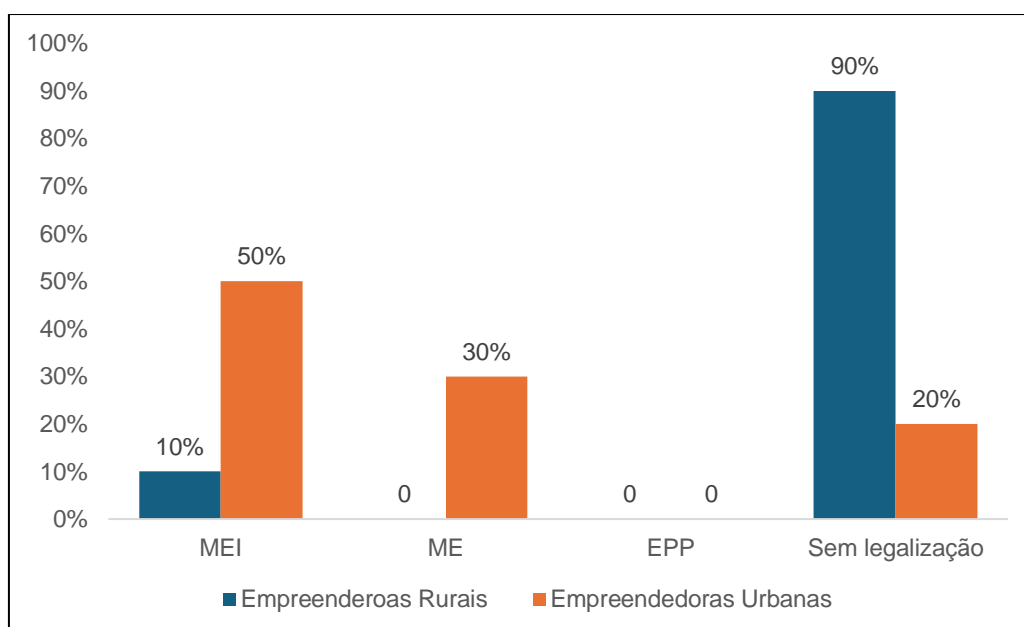


Gráfico 10 – Porte da empresa

Fonte: Pesquisa realizada pela autora (2023)

Conforme destacado nesse item, a informação sobre o porte da empresa, 10% das mulheres rurais disseram que possuem microempresa individual (MEI), 90% afirmaram que atuam sem empresa legalizada.

As mulheres urbanas do município de Campo Verde-MT, que participaram da pesquisa, 50% possuem microempresa individual, 30% possuem Microempresa, 20% trabalham sem legalização.

Como já apresentado neste estudo, parte das entrevistadas são produtoras de doces, conservas e derivados de leite em pequena escala e por isso nem sempre buscam a legalização de suas produções. O Sebrae (2019) apresenta dados sobre a questão da formalização das empresas femininas urbanas, de serem mais

preocupadas em relação sua formalização. Mas, nessa mesma pesquisa do Sebrae (2019) no conjunto, se constatou que 30% trabalham com CNPJ e a maioria 70% sem o CNPJ, ou seja, sem a legalização de sua empresa.

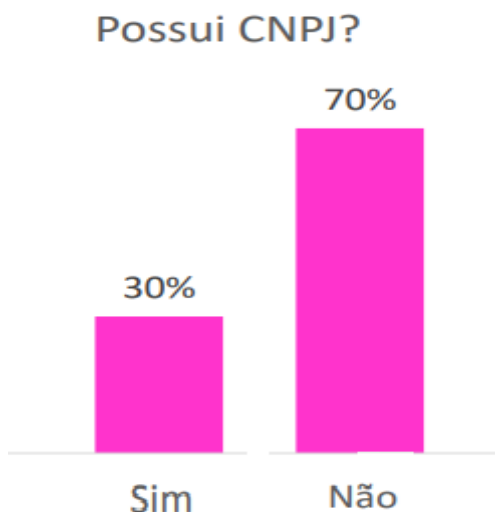


Gráfico 11: Possui CNPJ
Fonte: Sebrae (2019)

Dentre as causas atribuídas pela pesquisa Sebrae (2019) para a não formalização, está a incerteza da continuidade do empreendimento, do tipo do negócio, como produção caseira de doces, salgados e bolos. E do desconhecimento se realmente poderia ser eficaz a sua legalização.

Ainda sobre a questão de se manter na ilegalidade, Cavalcante (2018) indica que pode ser causa a não percepção da empreendedora de sua mudança de paradigma, deixando de ser trabalhadora para ser a dona do seu negócio e que terá sim que arcar com custos administrativos, que a primeira impressão possa ser vista como muito onerosos, diante de sua antiga condição de prestador de serviços, em que não tinha como sua área de ação, essas preocupação de cunho fiscal.

Gotardo e Corcett (2014) também considerou que a alta carga tributária, assim como a falta de capital de giro são fatores que dificultam a gestão de pequenos negócios, e ressalta ser a questão dificuldade de conciliar trabalho e a família sejam preponderantes.

Para Carlos Melles, presidente do Sebrae (2022), nessa questão, falta maior empenho do governo, em divulgar os benefícios da legalização empresarial, pois, mesmo, com a introdução do Microempreendedor Individual - MEI, a sua divulgação

não vem sendo difundida de modo a convencer os pequenos empreendedores de sua eficácia.

O tempo dedicado ao negócio informado pelas mulheres urbanas e rurais do município de Campo Verde-MT, estão destacados no gráfico 12 a seguir.

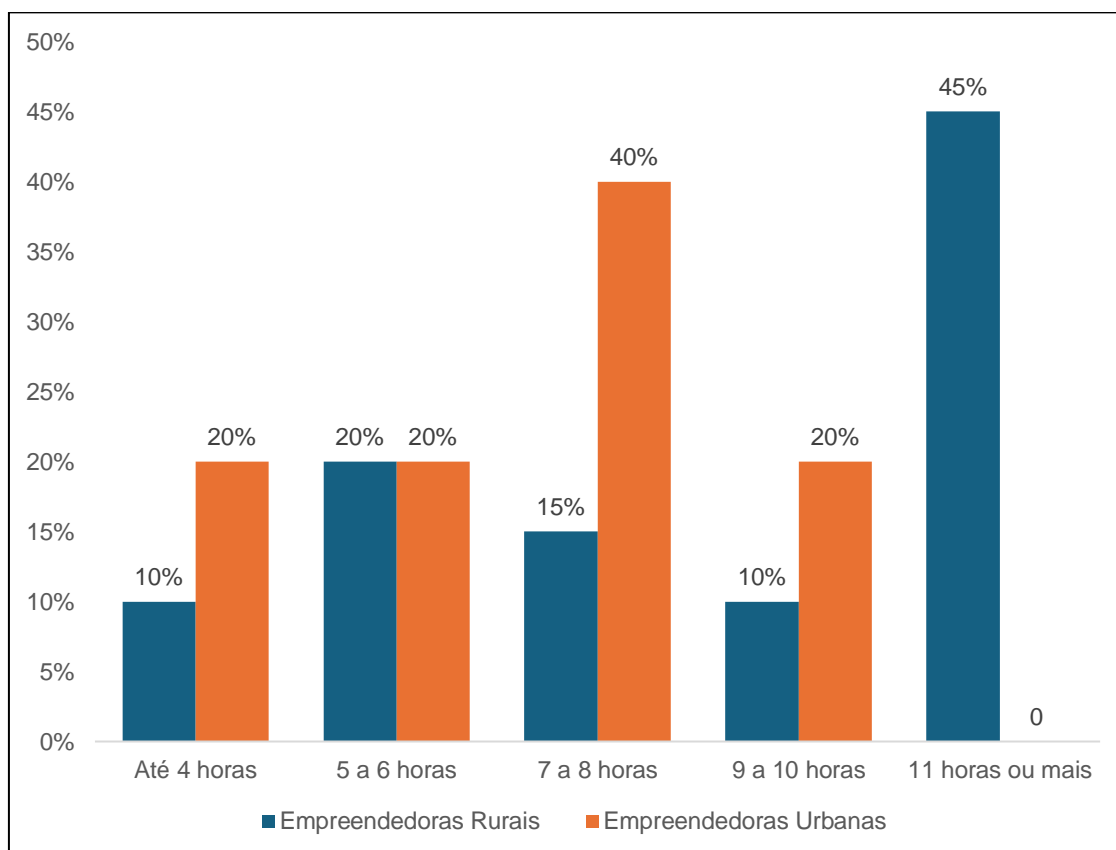


Gráfico 12 – Tempo dedicado ao negócio

Fonte: Pesquisa realizada pela autora (2023)

0% das mulheres empreendedoras rurais de Campo Verde (MT), que participaram da pesquisa, dedicam até 4 horas ao negócio, 20% responderam que dedicam entre 5 e 6 horas no desenvolvimento do negócio, 10% disseram que atuam entre 9 e 10 horas no desenvolvimento do negócio, 45% responderam 11 horas ou mais dedicadas ao negócio.

Dados do Sebrae (2019) corroboram com essas informações, sobre esses tempos que as mulheres dedicam ao trabalho e em especial a questão da mulher empreendedora rural, a qual é a que mais tempo se dedica a sua profissão, que em situação de agricultura familiar, nem sempre contam com um trabalhador assalariado, o que sobrecarrega os membros da família e em especial a mulher, por ser em muitas situações a chefe do empreendimento.

Na pesquisa do Sebrae/MT (2023) mostra que 46% das mulheres empreendedoras atuam no negócio entre 2 e 5 anos, 26% atuam entre 6 e 10 anos, 15% mais de 10 anos, 15,3% até um ano.

As empreendedoras urbanas na maioria trabalham entre 7 e 8 horas (40%) no negócio próprio, 20% dedicam respectivamente até 4 horas, de 5 a 6 horas e entre 9 e 10 horas. O motivo que levou as mulheres urbanas e rurais do município de Campo Verde-MT, a empreenderem, estão destacados no gráfico 13 a seguir.

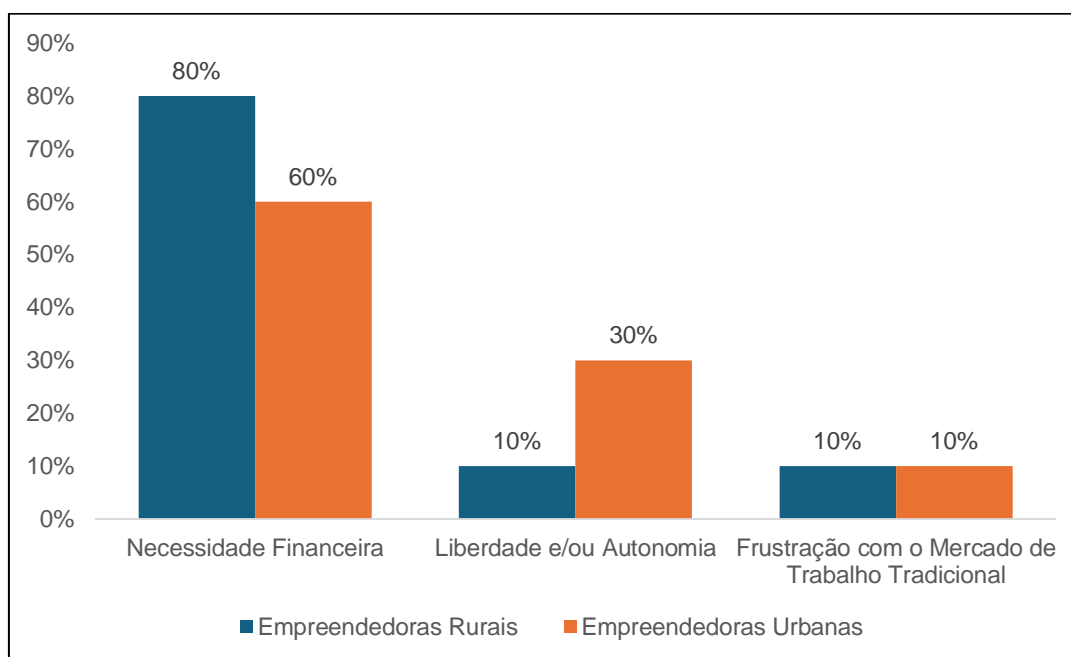


Gráfico 13 – Motivo que a levou a empreender
Fonte: Pesquisa realizada pela autora (2023)

80% das mulheres empreendedoras rurais de Campo Verde (MT), que participaram da pesquisa, declararam que o principal motivo que as levaram a empreender foi a necessidade financeira, 10% responderam ânsia por Liberdade e/ou Autonomia, 10% responderam que por frustração com o mercado de trabalho tradicional.

A pesquisa do Sebrae (2021) mostra que as empreendedoras em todo país, trabalham entre 11 e 40hs/semana no negócio (59%). A pesquisa do Sebrae/MT (2023) apontou que 32% das mulheres empreendedoras dedicam entre 7 e 8 horas no negócio, 28% responderam 11 horas ou mais, 19% disseram entre 5 e 6 horas, 16% responderam entre 9 e 10 horas, 6% até 4 horas.

No caso das empreendedoras urbanas 60% disseram por necessidades financeiras, 30% destacaram ânsia por liberdade e/ou autonomia, 10% responderam que por frustração com o mercado de trabalho tradicional.

A mesma posição é verificada em pesquisa do Sebrae (2019) que indicam a frustração de 10% de mulheres que desistiram de trabalhos com possível carreira na empresa, para atuarem como empreendedoras individuais.

Os desafios que as mulheres urbanas e rurais do município de Campo Verde-MT, enfrentam, estão destacados no gráfico 14 a seguir.

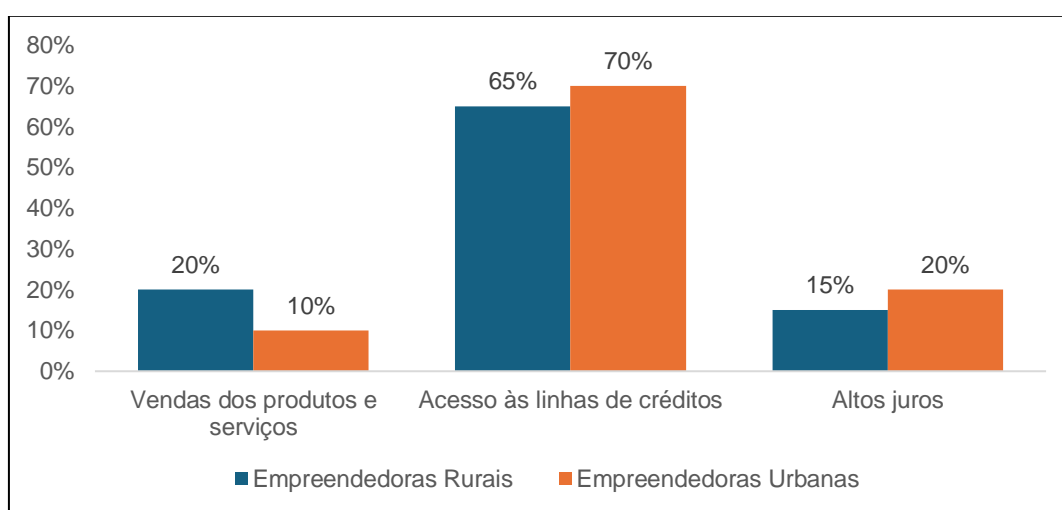


Gráfico 14 – Desafios enfrentados pelas empreendedoras
Fonte: Pesquisa realizada pela autora (2023)

Diante dos resultados, verificam-se que 20% das mulheres empreendedoras rurais de Campo Verde (MT), que participaram da pesquisa, declararam que os desafios enfrentados para empreendedorismo é vender os produtos e serviços, 65% destacaram o acesso às linhas de créditos e 15% mencionaram os altos juros. As mulheres do empreendedorismo urbano, 10% mencionaram que os desafios enfrentados para empreendedorismo é vender os produtos e serviços, 70% disseram acesso às linhas de crédito, 20% evidenciaram como desafios os altos juros.

O Sebrae/MT (2023) destaca que o principal desafio apontado foi acesso à linhas de crédito por 39%, taxas de juros altos foi apontado por 31% das pesquisadas, conciliar o empreendimento com o cuidado com a família (dupla jornada) foi destacado por 17%, venda de produtos e serviços foi destacado por 6%, 4% disseram que a maternidade e trabalho do lar contribuem para a não continuidade do negócio, 1% disse discriminação de gênero no negócio.

Sobre se precisaram ou não empréstimos, as mulheres urbanas e rurais do município de Campo Verde-MT, destacaram o que se apresenta no gráfico 15 a seguir.

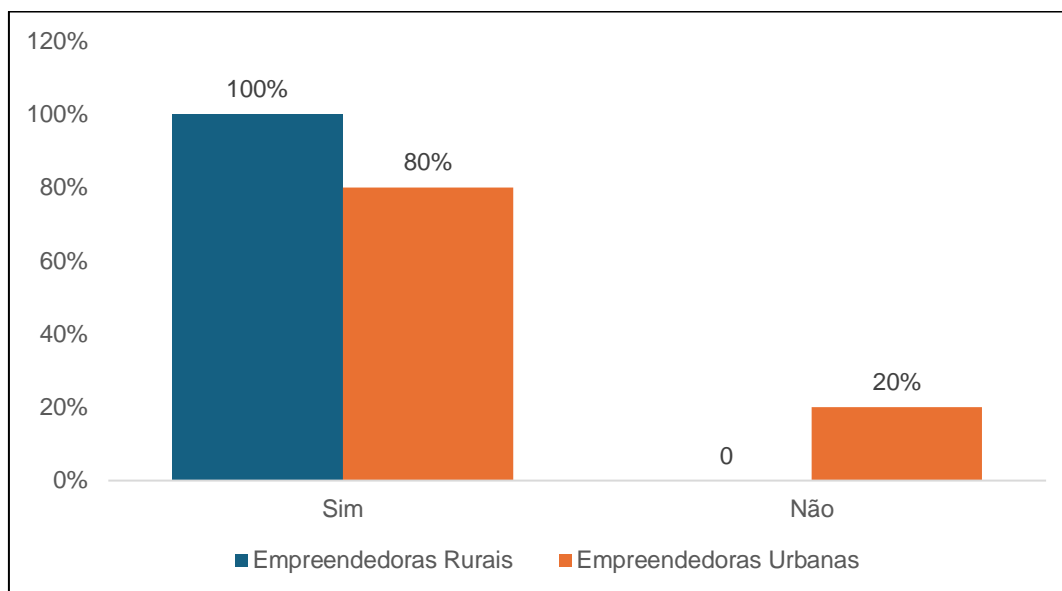


Gráfico 15 – Preciso recorrer a empréstimos bancários
Fonte: Pesquisa realizada pela autora (2023)

Os resultados mencionados mostram que todas as mulheres empreendedoras rurais de Campo Verde (MT), que participaram da pesquisa, declararam que já precisaram de empréstimo bancário. Entre as mulheres do empreendedorismo urbano, 80% disseram que precisaram de empréstimos bancários e 20% mencionaram que não precisara.

Sobre se precisaram ou não empréstimos, a maioria, tanto do ambiente rural como urbano disseram que sim, e a maioria disseram que não conseguiram nenhum tipo de linha de crédito nos bancos. E o motivo que levaram as empreendedoras a procurarem os bancos para pedirem empréstimos foi a vontade de fazer novos investimentos.

A maioria das mulheres do município de Campo Verde-MT, que participaram da pesquisa, tanto do ambiente rural como urbano buscam aumentar sua carteira de clientes. As empreendedoras urbanas e rurais do município de Campo Verde-MT, se consideram muito boas no atendimento ao cliente e na produção de bens e serviços, na organização e controle financeiro e na gestão do negócio.

Sobre se conseguiram ou não empréstimos, as mulheres urbanas e rurais do município de Campo Verde-MT, destacaram o que se apresenta no gráfico 16 a seguir.

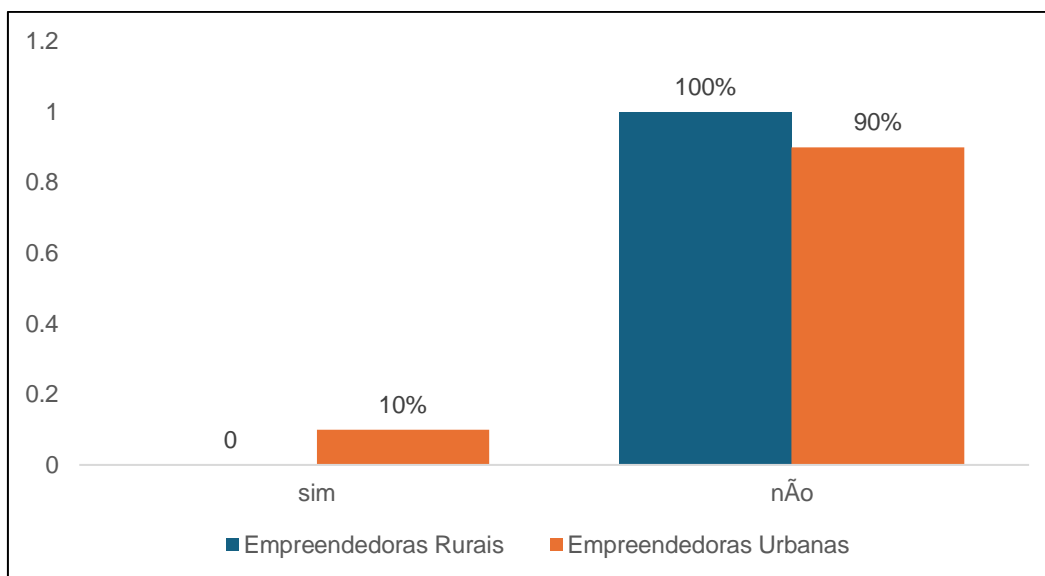


Gráfico 16 – Conseguiu empréstimos bancários
 Fonte: Pesquisa realizada pela autora (2023)

De acordo com esses dados, as mulheres empreendedoras rurais de Campo Verde (MT), que participaram da pesquisa (100%), declararam que não conseguiram o empréstimo bancário. As mulheres do empreendedorismo urbano, 10% conseguiram o empréstimo solicitado, 90% destacaram que não conseguiram o empréstimo desejado.

Gotardo e Corcett (2018) indicou ser um dos motivos para o não aceite do empréstimo para a mulher empreendedora, perpassa pela questão de gênero, da discriminação que ainda sombreia o mundo dos negócios. Fato esse que vem sendo muito questionado pelas pesquisas do Sebrae (2023) que vem atuando junto ao governo e financeiras para reverterem esse entendimento.

O que resultou na aprovação pela Câmara dos Deputados do projeto em 2 de março de 2023 do Programa Crédito Mulher (Projeto de Lei nº 1.883/2021. Porém, ainda está aguardando a apreciação pelo Senado. Mas, como já destacado nesse estudo, o Programa do governo “Brasil pra elas” (Brasil, 2022).

Sobre o motivo que desejavam conseguir um empréstimo, as mulheres urbanas e rurais do município de Campo Verde-MT, destacaram o que se apresenta no gráfico 17 a seguir.

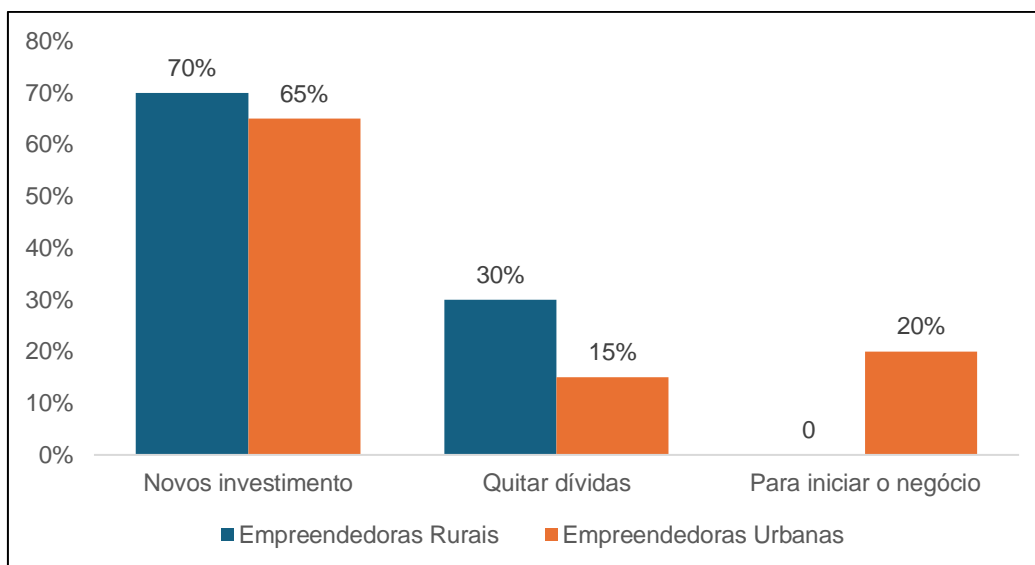


Gráfico 17 – Motivos que procuraram bancos para pedir empréstimos

Fonte: Pesquisa realizada pela autora (2023)

Verifica-se que 70% das mulheres empreendedoras rurais de Campo Verde (MT), que participaram da pesquisa, mencionaram que precisavam de empréstimo para novos investimentos, 30% recorreram a empréstimos bancários porque precisavam quitar dívidas. Já as mulheres urbanas 65% evidenciaram novos investimentos, 15% mencionaram quitar dívidas e 20% responderam para iniciar o negócio.

Os fatores que levam as empreendedoras a solicitarem um empréstimo, vem sendo alimentado pelas ofertas que as financeiras vêm lhes apresentado (Sebrae, 2023) o que não deixa de ser um estímulo, dado o recente passado nefasto que viveram essas empreendedoras. A pesquisa Sebrae/2023 indica que os motivos são sempre os mesmos, como pagamento de dívidas, reposição de estoque, ampliação da empresa.

O comportamento, quanto ao aumento da carteira de clientes das mulheres urbanas e rurais do município de Campo Verde-MT, pode ser verificado no gráfico 18 a seguir.

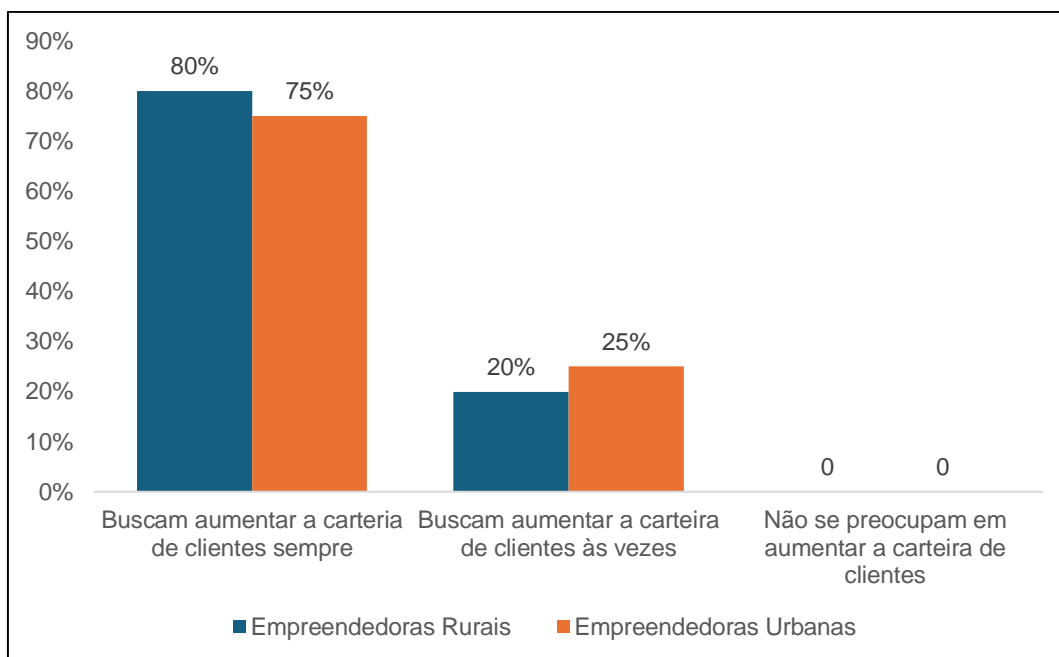


Gráfico 18 – Comportamento empreendedor das mulheres pesquisadas
Fonte: Pesquisa realizada pela autora (2023)

Observa-se nesse item, que 80% das mulheres empreendedoras de Campo Verde (MT), que participaram da pesquisa sempre buscando aumentar sua carteira de clientes, 20% responderam que as vezes se preocupam em aumentar a carteira de clientes. As empreendedoras urbanas, 75% se preocupam em aumentar sua carteira de cliente, 25% responderam que as vezes.

Para Sousa (2005) são várias as preocupações de uma empreendedora, mas destaca ser as desigualdades culturais que impõem ainda para a mulher, situações como de ganhos financeiros desiguais para elas em relação ao homem, da visão da superioridade masculina, que está em vias de ser superada, mas, ainda é muito visível no contexto socioeconômico.

Para o Sebrae (2023) independente das questões taxativas da sociedade, a mulher empreendedora apresenta um perfil de busca por seus direitos e da manutenção de sua família, haja visto que grande parte das formações familiares, atualmente, contam apenas com a mulher como chefe de família.

O comportamento, quanto a atuação empreendedora das mulheres urbanas e rurais do município de Campo Verde-MT, pode ser verificado no gráfico 19.

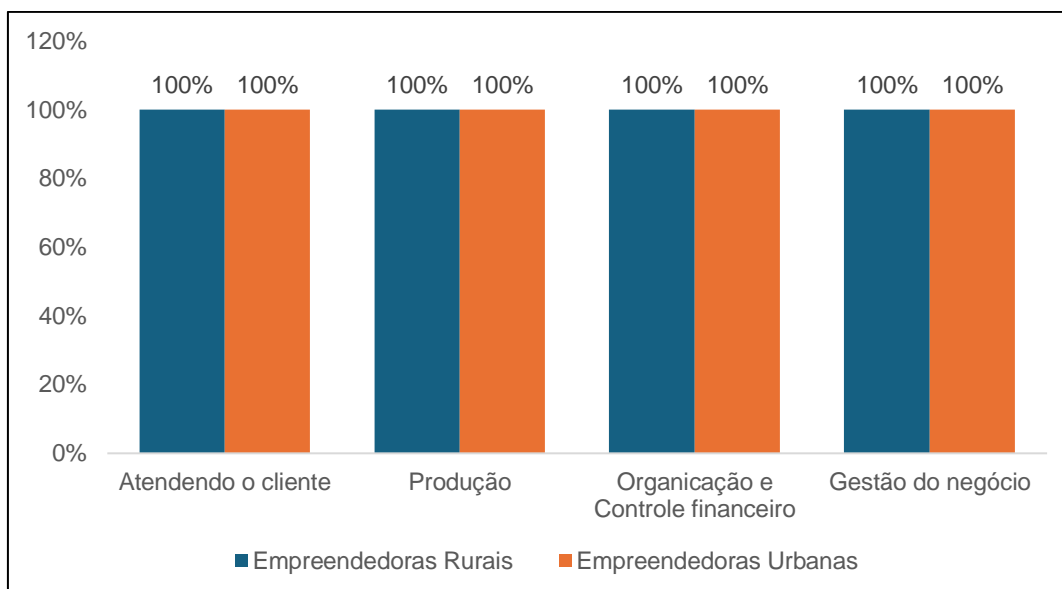


Gráfico 19 – No que elas se consideram melhor gerindo o negócio

Fonte: Pesquisa realizada pela autora (2023)

Por meio desse questionamento, se verifica que todas as mulheres urbanas e rurais do município de Campo Verde-MT, que participaram da pesquisa se consideram muito boas no atendimento ao cliente e na produção de bens e serviços, na organização e controle financeiro e na gestão do negócio.

Para os pesquisadores Bandeira, Amorim e Oliveira (2020), o que leva na atualidade o se sentir capaz de ser empreendedora para a mulher, é a sua compreensão de diversos fatores, como de saber gerir a economia doméstica, o que logo leva a considerar possível a gerência da empresa, a sua perseverança e os seus cuidados com os detalhes com o seu trabalho. Em que o saber que está sendo avaliada continuamente, as levam a serem mais críticas diante de suas ações na empresa.

Na sequência desse estudo, a segunda etapa como já descrito visava a preparação dos alunos/filhos dessas mulheres empreendedora a desenvolverem uma atividade rentável desde o seu início.

Em que se optou para atividade de horta, em parte por ser prática comum para os alunos do setor rural e, como um meio de apresentar um negócio que poderia ser desenvolvido do princípio ao fim, ou seja, desde o preparo da terra, plantio das sementes, o cuidado diário para a germinação e propagação das sementes e mudas. Como também de orientação sobre a matemática financeira que os ajudará a precificar suas produções e a comercializá-las com maior eficácia.

4.2 Realizações de atividade de horta na escola Monteiro Lobato



Figura 01: Início do preparo do solo
Fonte: Pesquisadora (2024)



Figura 02: Alunos limpando o espaço da horta.
Fonte: Pesquisadora (2024)

O processo de limpeza e plantio das hortaliças na escola, foram realizadas nas aulas de técnicas agrícolas, como um incentivo para que os alunos possam compreender todo o processo de lidar com o cultivo de alimentos. Em que mesmo alunos que não sejam filhos de produtores da agricultura familiar, possam também ter o contato com o processo de produção de alimentos.



Figura 03: Momento de orientação sobre a aplicação de adubo.
Fonte: Pesquisadora (2024)



Figura 04: Pesquisadora e alunos ao fundo
Fonte: Pesquisadora (2024)



Figura 05: Aplicação de adubo no solo
Fonte: Pesquisadora (2024)



Figura 06: Grupo de alunos participantes do projeto
Fonte: Pesquisadora (2024)

Em relação a atuação dos alunos, na aprendizagem da produção de hortaliças na escola, em conversas durante as práticas, percebeu-se que alguns alunos mesmo moradores da área rural, não tem contato com a produção agrícola. Pois, por estudarem, não conseguem passar muito tempo em casa e ou trabalhando com os pais, entretanto, outros alunos, principalmente os adolescentes com idade acima dos 14 anos, demonstraram habilidades no manejo do plantio, e uso de ferramentas de uso comum no meio rural.

Sobre o processo de precificação e comercialização da produção de hortaliças, primeiramente quando perguntado como seria colocado os preços na produção, logo se percebeu que alguns alunos relataram os valores comercializados por um mercado.

Fato esse que levou a indagar e como o mercado decide o valor de seus produtos, e se iniciou a relação dos custos de produção, e apesar de não ter custo de água, pois foi utilizada o fornecimento da escola, se buscou saber o valor do metro cúbico de água fornecido pela concessionária de água para calcular o seu custo.

Foi importante levarmos alunos a perceberem os custos que compõem um determinado produto, em que entenderam que não somente se avalia o valor da matéria prima principal, mas também os secundários, como as ferramentas, adubos, horas de trabalho. E o ganho do produtor.

Em um segundo momento, foi trabalhado como divulgar que a escola por meio do projeto de desenvolvimento de conhecimentos de matemática financeira estaria comercializando a produção excedente, lembrando que parte da produção foi doada para a escola, como parte do pagamento pelo uso do espaço e do fornecimento de água pela instituição.

Os alunos consideraram que a divulgação seria por meio de cartazes e as vendas seriam ao final das aulas diárias, e seriam divulgados nas salas para que os demais alunos informassem aos pais da venda de hortaliças frescas para o almoço e que enviassem o valor dos produtos que desejassem comprar. Foram divididos em grupos, ficando dois alunos por dia para realizarem as vendas, e, por ser uma ação coletiva, obtiveram bons resultados em suas vendas, colhendo apenas o que era encomendado pelos pais e funcionários da escola.

Após a comercialização de toda a colheita, que ocorreu em duas semanas de aulas, foram apurados os ganhos obtidos e se passou a expor se caso fossem em uma produção contínua como deveria ser usados esses valores para terem meios de continuar o plantio e de prover os gastos que caso fossem uma família deveriam custear. Orientando-os sobre o uso consciente dos ganhos que venham a obter.

5 – CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante dos objetivos propostos e dos resultados apontados pela pesquisa, verificou-se que as empreendedoras rurais do município de Campo Verde-MT, que participaram da pesquisa são na maioria jovens e as urbanas são de meia idade, as rurais são mulheres que possui apenas o ensino fundamental incompleto, enquanto as empreendedoras urbanas possuem ensino médio completo. O estado civil delas é proporcional entre casadas ou união estável e solteiras. Constatou-se que todas as empreendedoras do município de Campo Verde-MT, que participaram da pesquisa têm filhos, uma média de 2 a 3 filhos.

As empreendedoras rurais vivem apenas da renda do negócio local, enquanto as urbanas estão divididas entre fonte de renda do negócio empreendido e outras rendas familiar.

As empreendedoras rurais atuam no setor da agropecuária e produção caseira de alimentos (doces, queijo, farinha entre outros), elas comercializam seus próprios produtos. As urbanas atuam na produção caseira de alimentos (marmitas, pães, doces entre outros), no setor de confecção caseira (confecção de chinelos, roupas em geral), no ramo imobiliário e na comercialização de produtos (vendedora ambulante).

Verificou-se que a maioria, tanto empreendedoras rurais e urbanas, estão nessa atividade entre 2 e 5 anos. Sendo que as mulheres rurais não possuem empresa legalizada, já a maioria das urbanas possuem microempresa individual (MEI). As rurais dedicam 11 horas ou mais ao negócio. As urbanas na maioria trabalham entre 7 e 8 horas.

O motivo que levou essas mulheres a empreenderem foi a necessidade financeira. Os desafios que elas enfrentam é o acesso às linhas de crédito. A maioria já tentou e não conseguiu empréstimo bancário. E o motivo que levaram as empreendedoras a procurarem os bancos para pedirem empréstimos foi a vontade de fazer novos investimentos. Elas declararam que sempre estão procurando aumentar sua carteira de clientes. E elas se consideram muito boas no atendimento ao cliente e na produção de bens e serviços, na organização e controle financeiro e na gestão do negócio.

Sobre a atuação dos filhos/alunos na produção de hortaliças, constatou que seria importante dar continuidade do aprendizado de matemática financeira, pois,

como relatado em pesquisas descritas no referencial teórico, poucos sabiam fazer contas, utilizam mesmo para saber quanto de troco devem passar ao cliente, usavam a calculadora. E em alguns casos contando nos dedos, mas realmente é preocupante, a falta de uso do raciocínio lógico.

Considera-se importante aplicar novos meios de aprendizagens de matemática financeira, como do planejamento mensal tendo por base seus ganhos e dos projetos de vida que possam ter para seus futuros. O que se constatou que não pensam como devem ser projetados.

Assim, para concluir o presente estudo, coloca-se como sugestão que os órgãos competentes invistam nessas mulheres, e nas escolas, introduzindo no estudo matemático, o financeiro, valores de custos efetivos de cada objeto que se compra, verificando os impostos pagos e as reais necessidades da compra de bens para si e para seus familiares.

Bem como do aumento do potencial de conhecimentos tanto dos alunos como das mães empreendedoras, promovendo a inclusão escolar, assim como liberem linhas de créditos para que elas possam evoluir no negócio. Pois, ficou claro que todas tem aspiração para melhorar o negócio e fazer crescer a clientela. São mulheres que merecem ter seus empreendimentos legalizados e com uma estrutura adequada para crescerem.

O estudo oportunizou a constatação da necessidade de sua continuidade, por ter visto ser um campo ainda em mudanças, de reestruturação, em que se faz necessário a ampliação de ofertas do ensino de matemática financeira tanto para os escolares como para as mulheres empreendedoras, por estarem essas adentrando em um campo praticamente novo e não basta apenas dominar as técnicas do manejo do trabalho e sim também do saber como precificar o seu empenho e da obtenção correta de seus lucros.

Incentivando a uma possível promoção de estudos de campo, ampliando o universo da pesquisa para toda uma localidade como no caso de Campo Verde – MT, não apenas com um comparativo entre a atuação de mulheres empreendedoras do campo e da cidade, mas entre todos os assentamentos e distritos da cidade.

Entendendo que esse possível futuro estudo que poderá ser em um doutorado, poderá contribuir para a aplicação de políticas públicas e sociais incentivadoras para as mulheres de outras regiões.

6 – REFERÊNCIAS

ABRAMOVAY, R., SILVESTRO, M., CORTINA, N., BALDISSERA, T., FERRARI, D.; TESTA, V. M. **Juventude e agricultura familiar: desafios dos novos padrões sucessórios**. Brasília: Unesco. 1998.

ABRAMOVAY, R., SILVESTRO, M., MELLO, M., DORIGON, C.; BALDISSERA, I. **Os impasses sociais da sucessão hereditária na agricultura familiar**. Florianópolis: Epagri. 2001.

AHLERT, L. A sucessão das atividades na agricultura familiar. In **47º Congresso da Sociedade Brasileira de Economia, Administração e Sociologia Rural**. Porto Alegre: SOBER. 2009.

AGROADVANCE. Sebrae divulga pesquisa sobre características das mulheres empreendedoras. **ASN PI**. 2023. Disponível em: <<https://agroavvance.com.br>> Acesso em: 25/06/2024.

AHLERT, L.; CHEMIN, B. F. A sucessão patrimonial na agricultura familiar. **Revista Estudo & Debate**, v. 17, n.1, p. 49-74. 2010.

ANDRADE, Luana de. Passar mais tempo com os filhos é maior motivação de mulheres para abrir o próprio Negócio. **Pequenas Empresas & Grandes Negócios**. 2024. Disponível em: <https://revistapegn.globo.com/noticia>> Acesso em: 25/06/2024.

AQUINO, Michele de Souza Magalhães; SOUZA, Roosely dos Santos. O empreendedorismo feminino sob a ótica da teoria do effectuation – o caso da D'gustadora. Revista FT, ed.121, 12 de abril de 2023. Disponível em: <https://revistaft.com.br/o-empreendedorismo-feminino-sob-a-otica-da-teoria-do-effectuation-o-caso-da-dgustadora/>

BARCELLOS, S. B. A formulação das políticas públicas para a juventude rural no Brasil e os elementos constitutivos desse processo social. *Mundo Agrário*, v. 16, n. 32, p. 1-32. 2015.

BANDEIRA, Patrícia Bock; AMORIM, Marcos Vinicius; OLIVEIRA, Manoela Ziebell de. Empreendedorismo feminino: estudo comparativo entre homens e mulheres sobre motivações para empreender. **Revista de Psicologia, Organização e Trabalho**, Brasília, v. 20, n. 3, p. 1105-1113, set. 2020. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1984->. acesso em 25 jun. 2024.

BARTIK, Timothy J. **Local economic development policies**. Upjohn Institute Working Paper n. 03-91. Kalamazoo, MI: W.E. Upjohn Institute for Employment Research, 2003/2019. Doi: <https://doi.org/10.17848/wp03-91>.

BELTRAME, G.; PEREIRA, B. A. D. Impactos Socioeconômicos Ocasionados pelo Pronaf para o Desenvolvimento da Agricultura Familiar. **Desenvolvimento em**

Questão, v. 15, n. 38, p. 87-107, 2017. Disponível em: <http://www.spell.org.br/documentos/ver/44729/impactos-socioeconomicos-ocasionados-pelo-pronaf-para-o-desenvolvimento-da-agricultura-familiar->. Acesso em 12 maio. 2024.

BETANHO, C.; LOPES, G. R.; LOPES, J. C. F. Agroecologia e economia popular solidária: alternativas para o desenvolvimento sustentável e emancipação feminina. **Cadernos de Agroecologia**, v. 15, n. 3, 2020. Disponível em: <https://cadernos.abagroecologia.org.br/cadernos/article/view/6400>. Acesso em: 12 maio. 2024.

BIZARRIA, Fabiana Pinto de Almeida; LIMA, Alexandre Oliveira; SOUSA, Antônia Márcia Rodrigues; BARBOSA, Flávia Lorene Sampaio. **Capital social e ensino superior na perspectiva da internacionalização**. In: SILVA, Clayton Robson Moreira (Org.) Administração 4.0: Flexibilidade para a Inovação das Organizações. Ponta Grossa, PR: Atena Editora, 2019. Cap. 12. P. 168-189.

BOESSIO, A. T.; DOULA, S. M. Jóvenes rurales e influencias institucionales para la permanencia en el campo: un estudio de caso en una cooperativa Agropecuaria del Triángulo Mineiro. **Interações**, v. 17, n. 3, p. 370-383. 2016.

BRASIL. **Lei n. 4.504**, de 30 de novembro de 1964. Dispõe sobre o Estatuto da Terra, e dá outras providências. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 30 nov. 1964, Seção 1. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l4504.htm. Acesso em: 06 maio. 2024.

BRASIL. Comitê Nacional De Educação Financeira - CONEF. **Educação Financeira nas Escolas**, Ensino Médio. 1. ed. Brasília, 2013.

BRASIL. Secretaria Especial de Agricultura Familiar e do Desenvolvimento Agrário – SEAD. 2017. SAF – **Crédito Rural**. Recuperado em 12 maio 2024, de <http://www.mda.gov.br/sitemda/secretaria/saf-creditorural/sobre-o-programa>

BRASIL. Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento. Secretaria de Agricultura **Familiar e Cooperativismo**. 2018. Recuperado em 12 maio 2024, de <http://www.mda.gov.br/sitemda/noticias/agricultura-familiar-do-brasil-%C3%A9-8%C2%AA-maior-produtora-de-alimentos-do-mundo>

BRASIL Ministério da Educação. Conferência sobre Educação Financeira. 2ª Semana Nacional de Educação Financeira. **Assessoria de Comunicação Social**. 2020.

BRUMER, A.; ANJOS, G. Gênero e reprodução social na agricultura familiar. **Revista Nera**, v. 12, n. 6, p.17. 2012.

CALLOIS, Jean-Marc; SCHMITT, Bertrand. The role of social capital components on local economic growth: Local cohesion and openness in French rural areas. **Review of Agricultural and Environmental Studies**, v. 90, n. 3, p. 257-286. 2021.

CARVALHO, Mara. **Campo Verde é o terceiro maior produtor de algodão em MT e no país**. Município se torna polo têxtil por conta da qualidade e resistência da fibra. G1 - TV Centro América, 10 de fev. 2023. Disponível em: <https://g1.globo.com/mt/mato->

grosso/maisagromt/noticia/2023/02/10/campo-verde-e-o-terceiro-maior-produtor-de-
algodao-no-estado-e-no-pais.ghml. Acesso em: 25 nov. 2023.

CASTRO, E. G. D. **Entre ficar e sair: uma etnografia da construção social da categoria jovem rural**. Rio de Janeiro: Contracapa. 2017.

CAVALCANTE, Joselane Santos, **Empreendedorismo feminino: um estudo sobre o perfil das mulheres empreendedoras informais no município de Solânea -PB**. UFPB/CCHSA. Bananeiras, 2018.

COELHO, Franklin Dias. **Desenvolvimento econômico local no Brasil: as experiências recentes num contexto de descentralização**. Projeto CEPAL/GTZ Desenvolvimento Econômico Local e Descentralização em América Latina. Universidade Federal Fluminense, Rio de Janeiro, 2000.

COLETI, Jamile de Campos; SILVA, Juliana; MORAES, Lorena. Empreendedorismo feminino: um estudo do perfil com as mulheres empreendedoras de Frutal – MG. **Cadernos de Gestão e Empreendedorismo**, Rio de Janeiro, v.9, n. 2, p.25-44, 2021.

COSTA, F. L. M.; RALISCH, R. A juventude rural do assentamento Florestan Fernandes no município de Florestópolis (PR). **Revista de Economia e Sociologia Rural**, v. 51, n. 3, p.415-432. 2013.

DORNELAS, J, C, A. **Empreendedorismo: transformando ideias em negócios**. São Paulo: Editora de Cultura. 2001.

EXAME. **Empreendedorismo Feminino**. 2024. Disponível em:<
<https://exame.com.negocios>. Acesso em: 25/06/2024.

FAYET, Eduardo. **Empreendedorismo feminino e práticas de ESG estão entrelaçados rumo a um futuro de empresas com melhores desempenhos**. Poder 360, 19 de agosto de 2023. Disponível em:
<https://www.poder360.com.br/opiniaop/praticas-esg-promovem-equidade-no-mercado-de-trabalho/>

FRUTUOSO, Ana. **Governo de MT liberou R\$ 14 milhões em crédito para apoiar mulheres empreendedoras**. Desenvolve MT, 19 de Novembro de 2023. Disponível em: <https://www.desenvolve.mt.gov.br/-/governo-de-mt-liberou-r-14-milh%C3%B5es-em-cr%C3%A9dito-para-apoiar-mulheres-empreendedoras#39b474f0-c6ff-40f0-b805-2e13dc2ca2ec>

GEM. Global *Entrepreneurship* Monitor **Empreendedorismo no Brasil: 2016**. Coordenação de Simara Maria de Souza Silveira Greco; diversos autores -- Curitiba: IBQP, 2017. Acesso em: 12 maio 2024.

GEM - Global *Entrepreneurship* Monitor. **Relatório de empreendedorismo feminino GEM 2021/2022:** da crise à oportunidade. Disponível em: <https://www.gemconsortium.org/report/gem-202122-womens-entrepreneurship-report-from-crisis-to-opportunity>. Acesso em 17 de setembro de 2023.

GEM (Global *Entrepreneurship* Monitor) 2023. Global *Entrepreneurship* **Monitor 2022/2023** Global Report: Adapting to a “New Normal”. London: GEM. Acesso em: 12 maio 2024.

GRECO, S. M. DE S. S., LIMA, E. DE O., INÁCIO JÚNIOR, E., MACHADO, J. P., GUIMARÃES, L. DE O., BASTOS JUNIOR, P. A., LOPES, R. M. A.; SOUZA, V. L. de. (2023). Global *Entrepreneurship* Monitor: Empreendedorismo no Brasil 2022 (S. M. de S. S. Greco, Org.). São Paulo: **ANEGEPE**, 2023. 201 p. <https://datasebrae.com.br/wp-content/uploads/2023/11/GEM-BR-2022-2023-Livro-Final.pdf>. Acesso em: 12 maio 2024.

GOTARDO, Rayane Bazoni; CORCETTI, Elisabete. Empreendedorismo feminino: estudo das mulheres empreendedoras da cidade de Guarapari-Es. **Encontro de estudos sobre empreendedorismo e gestão de pequenas empresas**, v. 8, p. 16, 2014.

GRUBBSTRÖM, A.; SOOVÄLI-SEPPING, H. Estonian family farms in transition: a study of intangible assets and gender issues in generational succession. **Journal of Historical Geography**, v. 38, n. 3, p.329-339. 2012.

GUANZIROLI, C. E. **Agricultura familiar e reforma agrária no século XXI**. Rio de Janeiro: Garamond. 2001.

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Censo agropecuário 2018: estatísticas**. Recuperado em 12 maio 2024, de <https://www.ibge.gov.br/estatisticas/novoportal/economicas/agricultura-e-pecuaria/21814-2018-censo-agropecuario.html?=&t=resultados>.

ISTOÉ. **As melhores cidades do Brasil 2022**. As 50 melhores cidades por porte. Disponível em: <https://istoe.com.br/as-50-melhores-cidades-por-porte/>. Acesso em: 25 nov. 2023.

JESUS, R. **PRONAF MULHER**: Avanços e limites na superação das desigualdades de gênero. 2014. Projeto de pesquisa - Pós-graduação em Gestão Pública em Gênero e Raça. Universidade de Brasília, Brasília/DF, 2014. Disponível em: https://bdm.unb.br/bitstream/10483/13034/1/2014_RenataLeiteManoeldeJesus.pdf. Acesso em: 15 maio. 2024.

JONATHAN, Eva; Gertrudes; SILVA, Taissa M. R. Empreendedorismo feminino: tecendo a trama de demandas conflitantes. **Psicologia e Sociedade**, v. 19, p. 77-84, 2007.

JURADO, C., TOBASURA, I. Dilema de la juventud en territorios rurales de Colombia: ¿campo o ciudad? **Revista Latinoamericana de Ciencias Sociales, Niñez y Juventud**, v.10, n. 1, p.63-77. 2012.

KAI, F. O.; QUEIROZ, A. R. A. Revisão sistemática sobre empreendedorismo e empoderamento feminino na base de dados da web of Science. **Cadernos de Gestão e Empreendedorismo**, Rio de Janeiro, v. 10, n. 2, mai.-ago. 2022. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/cge/article/view/55753>. Acesso em: 12 maio 2024.

LEGADO DAS ÁGUAS. **O que é e como funciona o desenvolvimento local**. 1 de novembro de 2017. Disponível em: <https://legadodasaguas.com.br/o-que-e-e-como-funciona-o-desenvolvimento-local/#:~:text=O%20desenvolvimento%20econ%C3%B4mico%20local%20ou,de%20coloc%C3%A1%20Dias%20em%20pr%C3%A1tica>. Acesso em 16 de setembro de 2023.

LEZANA, Álvaro G. Rojas. **Empreendedorismo e ciclo de vida das Organizações** –. Caderno de notas. PPGE/UFSC, 1999.

LIMA, A.; SILVA, E.; IWATA, B. Agriculturas e agricultura familiar no Brasil: uma revisão de literatura. **Revista Retratos de Assentamentos**. Petrópolis/PI, V. 22, N.1, p. 50-68, ISSN: 1516-8182, 2019. Disponível em: <https://retratosdeassentamentos.com/index.php/retratos/article/view/332>. Acesso em: 12 maio 2024.

LORINI, J. **Importância da diversificação para a sucessão rural no município de Nova Alvorada – RS**. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Departamento de Economia e Relações Internacionais. Camargo/RS, 2017. Disponível em: <https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/179791/001063085.pdf?sequence=1>. Acesso em: 10 maio 2024.

MARTINS, Rafael D’Almeida; CALDAS, Eduardo de Lima. Visões do Desenvolvimento Local: uma análise comparada de experiências brasileiras. **Interações**, Campo Grande, v. 10, n. 2, p. 207-218, jul./dez. 2009.

MARTINS, Rafael D’Almeida; VAZ, José Carlos; CALDAS, Eduardo de Lima. A gestão do desenvolvimento local no Brasil: (des)articulação de atores, instrumentos e território. **Revista de Administração Pública**, Rio de Janeiro, v. 44, n. 3, p. 559-90, Maio/jun. 2010.

MATTE, A., SPANEVELLO, R. M., LAGO, A., & ANDREATTA, T. Agricultura e Pecuária Familiar:(des) continuidade na reprodução social e na gestão dos negócios. **Revista Brasileira de Gestão e Desenvolvimento Regional**, v. 15, n. 1, p.19-33. 2019.

MATE, A.; MACHADO, J. A. D. Tomada de decisão e a sucessão na agricultura familiar no sul do Brasil. **Revista de Estudos Sociais**, 18, n. 37, p.130-151.2017.

MIRANDA, R. **Breve História da Agropecuária Brasileira - Dinâmica da Produção Agropecuária e da Paisagem Natural no Brasil nas Últimas Décadas**. Embrapa. p. 1-28, 2008. Disponível em: <https://ainfo.cnptia.embrapa.br/digital/bitstream/item/215012/1/Cap02-BreveHistoriaAgropecBR.pdf>. Acesso em: 06 setembro 2023.

MOREIRA, S. L.; SPANEVELLO, R. M. Modelos sucessórios em propriedades rurais: um estudo no município de Cruz Alta/RS. **Revista Grifos**, v. 28, n.46, p.27-47. 2019.

OECD. **Recommendation on Principles and Good Practices for Financial Education and Awareness**: Recommendation of the Council. 2005. Disponível em: < <https://www.oecd.org/financial-education/>> Acesso em: 31 jul. 2024.

OLIVEIRA, Danielly, **Educação financeira nas escolas: o desafio de ensinar sobre dinheiro no Brasil**. 2022. Disponível em: <https://desafiosdaeducacao.com.br/educacao-financeir...> Acesso em: 12 maio 2024.

OLIVEIRA, Rebeca Pires; LIMA, Maria Elizabeth Antunes. Empreendedorismo social e trajetória individual – a história do Banco Liberdade. **Revista NAU Social**, v.12, n.23, p. 753 – 767 Mai. 2021 / Nov. 2021.

PANNO, F.; MACHADO, J. A. D. Influências na decisão do jovem trabalhador rural: partir ou ficar no campo. **Desenvolvimento em Questão**, v. 12, n. 27, p.264-297. 2014. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.21527/22376453.2014.27.264-297>

PREFEITURA MUNICIPAL DE CAMPO VERDE- MT. **Projeto Cidade em transformação**. 2023. Disponível em: <https://site.campoverde.mt.gov.br/2023/06/cidade-empresadora-campo-verde/> Acesso em: 18 de setembro de 2023.

PREFEITURA DE CAMPO VERDE. **História de Campo Verde**. 2022. Disponível em: https://site.campoverde.mt.gov.br/?page_id=7330. Acesso em: 25 nov. 2023. Acesso em: 18 de setembro de 2023.

PREFEITURA MUNICIPAL DE CAMPO VERDE- MT. **Cidade em transformação**. ASCOM, 19 de junho de 2018. Disponível em: <https://site.campoverde.mt.gov.br/2018/06/cidade-empresadora-e-lancado-em-campo-verde/>

RINDOVA, Violina; BARRY, Daved. *Entrepreneurship as emancipation*. **Academy of Management Review**, v. 34, n.3, p. 477-491, 2009.

RODRIGUES, Cida. **Projeto voltado a mulheres rurais promove atividades de sustentabilidade e cultura em Santo Antônio de Leverger**. Disponível em: <https://www.secel.mt.gov.br/-/22833654-projeto-voltado-a-mulheres-rurais-promove-atividades-de-sustentabilidade-e-cultura-em-santo-antonio-de-leverger>. Acesso em: 18 de setembro de 2023.

ROSA, Marlei. **Empresadoras mato-grossenses são reconhecidas por meio do “Prêmio Sebrae Mulher de Negócios”** 2023. Assessoria de Imprensa do Sebrae/MT, 6 de outubro de 2023. Disponível em: <https://mt.agenciasebrae.com.br/cultura-empresadora/empresadoras-mato-grossenses-sao-reconhecidas-por-meio-do-premio-sebrae-mulher-de-negocios-2023/>

SANTOS, Lauriene Teixeira; CAMPOS, Patrícia Carvalho; DORNELAS, Myriam Angélica. **Empresendedorismo feminino**: perfil e caracterização dos

empreendimentos. Instituto Federal de Minas Gerais – Campus Bambuí, junho de 2018.

SCABIN, Denise. **Mulheres e meio ambiente**. Portal da Educação Ambiental. 27 de março de 2023. Disponível em: <https://semil.sp.gov.br/educacaoambiental/2023/03/mulheres-e-meio-ambiente/> Acesso em: 23/05/2024.

SAUER, S. Agricultura familiar versus agronegócio: a dinâmica sociopolítica do campo brasileiro **Texto para Discussão**, n. 30. Brasília: Embrapa. 2008. Acesso em: 23/05/2024.

SAVIAN, M. Sucessão geracional: garantindo-se renda continuaremos a ter agricultura familiar? **Revista Espaço Acadêmico**, v.14, n.159, p.97-106. 2014.

SAVOLDI, A.; CUNHA, L. Uma abordagem sobre a agricultura familiar, Pronaf e a modernização da agricultura no sudoeste do Paraná na década de 1970. **Revista Geografar**. Curitiba, v.5, n.1, p.25-45, jan./jun. 2010. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/geografar/article/view/17780#:~:text=E%20para%20finalizar%20foi%20realizada,o%20processo%20da%20moderniza%C3%A7%C3%A3o%20agr%C3%ADcola>. Acesso em: 23/05/2024.

SEBRAE - Serviço de Apoio às Micro e Pequenas Empresas.2023. **Empreendedorismo**. Disponível em: <https://www.sebrae-sc.com.br/blog/caracteristicas-de-um-empresario>. Acesso em: 17 setembro de 2023.

SEBRAE - Serviço de Apoio às Micro e Pequenas Empresas. **A força do empreendedorismo feminino no agronegócio**. 2 de fevereiro de 2023a. Disponível em: <https://sebrae.com.br/sites/PortalSebrae/artigos/a-forca-do-empresariom-feminino-no-agronegocio,d617306892316810VgnVCM1000001b00320aRCRD>. Acesso em: 18 de setembro de 2023.

SEBRAE. **Empreendedorismo feminino e as perspectivas atuais. 2021**. Disponível em:< <https://pi.loja.sebrae.com.br> > empreendedorismo-femin...>Acesso em: 25/06/2024.

SEBRAE - Serviço de Apoio às Micro e Pequenas Empresas. **Empreendedorismo feminino no Brasil**. UGE – Unidade de Gestão Estratégica / UCE – Unidade de Cultura Empreendedora. Fevereiro de 2021a. Disponível em: https://datasebrae.com.br/wp-content/uploads/2021/03/Empreendedorismo-Feminino-ate-III-trim_2020.pdf. Acesso em: 2 dez. 2023.

SEBRAE - Serviço de Apoio às Micro e Pequenas Empresas. **Empreendedorismo feminino**. Pesquisa do Sebrae/MT traça um perfil das mulheres que empreendem e revela suas dificuldades e pontos fortes. 2022a Disponível em: <https://mt.agenciasebrae.com.br/economia-e-politica/empresariom-feminino/> Acesso em: 17 de setembro de 2023.

SEBRAE- PIAUÍ. Empreendedorismo Feminino. **Maes da Favela**. SebraeDelas. Portal Sebrae/Piauí. 2022 . Disponível em: <<https://sebrae.com.br> > PortalSebrae > ufs > quem somos> Acesso: 25/06/2024.

SEBRAE - Serviço de Apoio às Micro e Pequenas Empresas. **Sebrae Delas** – mulher de negócio. 2023b. Disponível em: <https://sebrae.com.br/sites/portalsebrae/empreendedorismofeminino/?> Acesso em: 17 de setembro de 2023.

SEBRAE. Sebrae Em Dados - **Empreendedorismo Feminino**. 2023c. Disponível em <<https://sebrae.com.br/sites/PortalSebrae.artigos>> Acesso em: 25/06/2024.

SENAR/MT - Serviço Nacional de Aprendizagem Rural de Mato Grosso. **Mulheres empreendedoras rurais**. 2016. Disponível em: <https://cnabrazil.org.br/noticias/senar-mt-formata-programa-mulheres-empreendedoras-rurais>. Acesso em: 18 de setembro de 2023.

SEBRAE/MT - Serviço de Apoio às Micro e Pequenas Empresas de Mato Grosso. **Pesquisa quantitativa** - empreendedorismo feminino em Mato Grosso. Março 2023. Disponível em: <https://datasebrae.com.br/wp-content/uploads/2023/04/empreendedorismo-feminino-20231.pdf>. Acesso em: 10 dezembro de 2023.

SILVA, M. A. da. Abordagem sobre trabalho artesanal em histórias de vida de mulheres. **Educar em Revista**, Curitiba, v. 31, n. 55, p. 247-260, 2015. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/educar/article/view/36810/24749>. Acesso em: 12 maio 2024.

SOLIDARIEDADE MULHER. **Mães Empreendedoras**. 2024. Disponível em: <<https://solidariedademulher.org.br>>maes-empreendedorismo. Acesso em: 25/06/2024.

SOUSA, Maria Ângela Machado de. **Mulher Empreendedora**: O perfil extraído de casos de sucesso. Centro Universitário De Brasília Faculdade de Ciências Sociais Aplicadas – FASA. Brasília-DF, Junho de 2005. Acesso em: 23/05/2024.

SOUZA, Roosely dos Santos. *et al.* O empreendedorismo feminino sob a ótica da teoria do effectuation – o caso da D'gustadora. **Revista FT**, ed.121, 12 de abril de 2023. Disponível em: <https://revistaft.com.br/o-empreendedorismo-feminino-sob-a-otica-da-teoria-do-effectuation-o-caso-da-dgustadora/>

SPOSITO, M. E. B. A questão cidade-campo: perspectivas a partir da cidade. In Cidade e campo: relações e contradições entre urbano e rural. p. 111-130. São Paulo: **Expressão Popular**. 2006. Acesso em: 23/05/2024.

TEAM MT VERSO. **Empreendedorismo feminino é prioridade no Mato Grosso**. Disponível em: <https://mtverso.org/noticias/empreendedorismo-feminino-e-prioridade-de-mato-grosso>. Acesso em: 17 setembro de 2023.

TRENTIN, I. C., WESZ JUNIOR, V. J. **Desenvolvimento e agroindústria familiar**. 2005. Disponível em:

<https://www.bibliotecaagptea.org.br/administracao/agroindustria/artigos/DESENVOLVIMENTO%20E%20AGROINDUSTRIA%20FAMILIAR.pdf>. Acesso em: 12 maio 2024.

UGUETO, Elisa; ROSSI, Maria Cristina; AUDRETSCH, David; LEHMANN, Eric. Female entrepreneurship in the digital age. **Small Business Economics**, v.55, n.2, p. 305-312, 2020. Acesso em: 23/05/2024.

URBANO, David; APARÍCIO, Sebastian; AUDRETSCH, David. Twenty-five years of research on institutions, entrepreneurship, and economic growth: what has been learned? **Small Business Economics**, v.53, p. 21-49, 2019. Acesso em: 23/05/2024.

VALOR EXONÔMICO. **Empreendedoras são mais escolarizadas, mas têm rendimento abaixo dos homens**. 2022. Disponível em: <[https://valor.globo.com/dino](https://valor.globo.com/dino/noticia/2024/03/22) > noticia > 2024/03/22. Acesso em: 25/06/2024.

VEIGA, José Eli da. Agricultura familiar e sustentabilidade. **Cadernos de Ciência & Tecnologia**, Brasília, v.13, n.3, p.383-404, 1996. Acesso em: 23/05/2024.

VIOTTI, Maria Luiza Ribeiro. **Declaração e plataforma de ação da IV conferência mundial sobre a mulher**. Instrumentos Internacionais de Direitos das Mulheres, 2013. Disponível em: https://www.onumulheres.org.br/wp-content/uploads/2013/03/declaracao_beijing.pdf. Acesso em: 17 de setembro de 2023.

WILKINSON, J. **O Estado, a agricultura e a pequena produção**. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais. 2008.

ANEXOS

ANEXO 1

Eu, sou a Professora Maria Helena, de Matemática da Escola Monteiro Lobato, estarei fazendo com vocês meninos e meninas, um projeto muito interessante chamado: “Educação Financeira e Empreendedorismo” onde junto com seus familiares estarei lhes ensinando a aprender a ganhar dinheiro honestamente e cuidar melhor do seu dinheiro fazendo ele prosperar, ou auxiliando você e seus familiares se vocês quiserem, a aprender a conseguir fazer prosperar administrando o dinheiro que ganha, com a sua ajuda, imagina como você poderá fazer uma grande diferença na sua família, assim você estará se preparando para também cuidar muito bem do teu dinheiro no futuro, aprendendo a economizar, aplicar para ter rendas, não gastar com coisas insignificantes, e ser no futuro alguém muito prospero no mundo dos negócios. Você aceita este desafio? Quer fazer comigo Professora Maria Helena e com a Escola Municipal Monteiro Lobato este projeto? A decisão é exclusivamente sua, se aceitar vai ter que fazer com dedicação, empenho e disciplina...Lembre-se este projeto será muito importante para você ser Vitorioso(a) na sua vida.

VAMOS JUNTOS NESTE PROJETO? Faremos parte on line e parte presencial.

ALUNO:..... () SIM () NÃO

AUTORIZAÇÃO DO PAI OU RESPONSÁVEL: () SIM () NÃO

NOME:

RG:

CELULAR:

Assinatura:

Nome completo: aluno:.....

Idade ____ anos: data de nascimento

Nome Pai/Mae/Responsável:

Escola Onde Estuda:

Série:

Turno:

Endereço:

1- Como classifica a sua área de residência? a) () Urbana b) () Rural

2. Com quem vive habitualmente

() Pais () Pai ou Mãe () Irmão(s) () Avós () Cônjuge () Filho(s) () Sozinho

3. Situação familiar ☐ Pais casados ou em união estável ☐ Pais solteiros, divorciados ou em separação ☐ Pais do mesmo sexo em união estável ☐ Mãe viúva ☐ ☐ Pai viúvo
☐ Ambos os pais falecidos
4. Como é seu relacionamento com seus pais ou responsáveis?
☐ Bom ☐ Muito bom ☐ Ruim ☐ Médio
5. Quando você está com algum problema, seus pais ou responsáveis lhe ouvem e tentam o ajudar? ☐ Sempre ☐ Às vezes ☐ Nunca
6. Grau de escolaridade dos pais
☐ Pai Mãe Sem instrução ☐ 1º Fundamental I ☐ 2º Fundamental II ☐ Ensino médio ☐ Ensino superior
7. Como classifica o nível de rendimento mensal, de sua família?
☐ Baixo ☐ Médio ☐ Alto
8. Como costuma deslocar-se para a escola?
☐ A pé ☐ De bicicleta ☐ De moto ☐ De ônibus ☐ De Carro
9. Quanto tempo costumas demorar da tua casa à escola?
☐ de 15 a 30 minutos ☐ de 30 a 45 minutos ☐ de 45 a 60 minutos ☐ mais de uma hora
10. Costuma efetuar algum tipo de atividade para ajudar sua família? ☐ Sim ☐ Não
Se respondeu sim, quando é que o faz com mais frequência
☐ De manhã antes de ir para a escola, ☐ À tarde depois de chegar da escola
☐ Tanto de manhã como à tarde, ☐ Só aos fins-de-semana
11. Acha que dorme bem/suficiente? ☐ Sim ☐ Não
12. Habitualmente a que horas se costuma levantar em dias de aulas
☐ Antes das 6 horas ☐ Das 6 às 7 horas ☐ Das 7 às 8 horas ☐ Das 8 às 9 horas
☐ Depois das 9 horas
13. Como classifica o seu atual desempenho escolar
☐ Abaixo da média ☐ Na média ☐ Acima da média ☐ Excelente
14. Já reprovaste alguma vez? ☐ Sim ☐ Não
Em caso afirmativo qual ou quais os motivos?

☐ Falta de estudo ☐ Faltas Desmotivação ☐ Desinteresse Problemas familiares
☐ Doença ☐ Dormir pouco ☐ Problemas com os colegas Outros

15. Acha que tem tempo suficiente para estudar? ☐ Sim ☐ Não

Em caso negativo, por quê?

☐ Tem muito tempo de aulas ☐ Exerce outras atividades ☐ Tem que ajudar em casa

☐ Sai muitas vezes à noite ☐ Sente muito sono

16. Quanto tempo estuda em média, por dia

☐ 0 hora ☐ 1 – 2 horas ☐ 2 – 3 horas ☐ > 3 horas

17. Pensa continuar os estudos, após terminar o ensino fundamental? ☐ Sim ☐ Não

18. Seus pais ou responsáveis participam de seu desenvolvimento escolar

☐ Sempre ☐ Às vezes ☐ Nunca

19. Seus pais ou responsáveis visitam a escola para ficarem cientes de sua frequência, de seu desenvolvimento cognitivo, afetivo e social?

☐ Sempre ☐ Às vezes ☐ Nunca

20. Você estuda porque gosta ou porque é obrigado pelos pais ou responsáveis?

☐ Porque quero e gosto ☐ Porque sou obrigado

Segunda parte

1 - Quais destes itens você se identifica

☐ Curiosidade – Simplesmente adoro aprender coisas novas.

☐ Amor pelo aprendizado – gosto do processo de aprendizado e o considero gratificante por si só.

☐ Amor por um assunto – Sou apaixonado por um determinado assunto e quero aprender mais sobre ele.

☐ Crescimento pessoal – Acredito que o aprendizado é essencial para o crescimento e desenvolvimento pessoal.

2 - Com que frequência você procura ajuda de seu professor quando está com

dificuldades em uma matéria? ☐ Quase sempre ☐ Às vezes ☐ Raramente ☐ Nunca

3 - Que recursos você usa para apoiar seu aprendizado, como livros didáticos, recursos online ou grupos de estudo?

4 - Quais aspectos da aula você mais gosta?

5 - Quais são os aspectos da aula que você menos gosta?

6 - Você tem colegas que são muito estudiosos? () Sim () Não

7 - Que dicas de aprendizado você daria aos alunos que estudam porque são obrigados?

8 - Você conhece o assunto Educação financeira??

() muitos conhecimentos () Conhecimento moderado () Um pouco conhecedor não conhecedor

9 - Quem ganha dinheiro para sustentar sua família:

10 - Na sua casa vocês conversam sobre dinheiro, gastos, ganhos, despesas, fazer economia?

() Sim () Não () pouco () 0 nunca

11 Você acha que é fácil ou difícil na vida das pessoas:

() Ganhar dinheiro () Perder dinheiro () Guardar dinheiro na poupança ou fazer um investimento

12 Você acha importante as pessoas saber cuidar bem do seu dinheiro?

() Sim () Não

13 - Será que para aprender trabalhar com o dinheiro que ganha, investir, fazer aumentar e necessário saber a somar, diminuir, multiplicar e dividir muito bem?

() Sim () Não

14 - Roupas, sapatos, perfumes, brinquedos são exemplos de: () 0 Desejos () Necessidades

15 - Alimentos, água, luz, são exemplos de: () Desejos () Necessidades

16 - Você sabe qual o valor da renda de sua família? () Sim () Não

17 - Na sua família, vocês guardam algum dinheiro no banco todo mês? () Sim () Não

18 - Você tem algum compromisso em ajudar nos serviços de sua casa, todos os dias?

() Sim () Não

19 - *Você pensa em guardar algum dinheiro na poupança para um dia ter um bom capital?*

() Sim () Não

20 - *Você recebe uma mesada de seus familiares por mês?*

() Sim () Não

21 - *Antes de ir ao mercado seus familiares fazem uma lista dos produtos que precisam comprar?* () Sim () Não

22 - *Você acredita que se você aprender Educação Financeira na escola, conseguirá ajudar seus familiares a cuidarem melhor da renda familiar?* () Sim () Não

23 - *Antes de fazer uma compra, você e seus familiares fazem uma pesquisa para ver onde encontrar o melhor produto com melhor valor?* () Sim () Não

24 - *Quando você e seus familiares encontram produtos em promoção, vai logo comprando ou primeiro para, pensa depois: será que estou realmente precisando deste produto?*

() Sim () Não

25 - *Como você classifica seus familiares em relação ao dinheiro:* () *Gastadores sem pensar*

() *Econômicos e pensadores*

26 – *Se você ganhou de presente de aniversário uma nota de R\$ 100,00 reais, o que você faz com ela:* () *Guarda para pensar em que tipo de coisa vai gastar* () *Deposita na poupança no banco* () *Corre nas lojas e compra qualquer coisa e gasta todo o dinheiro*

27 - *Você é do tipo de pessoa que faz compras sem olhar o preço, só vai ver o valor quando chegar no caixa para pagar?* () *Nunca* () *Raramente* () *Às vezes* () *Frequentemente*

() *Sempre*

28- *Você algum dia já pediu algum dinheiro emprestado a alguém?* () Sim () Não

29 - *Se tiver um projeto de educação financeira e empreendedorismo na escola você gostaria de fazer?* () Sim () Não

30 - *Quem da sua família poderia te ajudar neste projeto, onde toda a sua família irá aprender melhor sobre como cuidar e aumentar o dinheiro que ganha todo mês.*

.....

31 - Você tem conhecimento dos projetos de vida futura de seus familiares? () Sim () Não
 32 - Pergunte aos seus familiares se eles aceitariam participar do projeto de educação financeira e empreendedorismo da Escola Monteiro? On line. () Sim () Não

33 - Você e seus familiares fizeram um plano de vida para 2024? () Sim () Não

34 - Qual a maior dificuldade que você já encontrou na sua vida, em qualquer aspecto : _____ 35 -

Qual a maior dificuldade que teus familiares já encontrou em suas vidas, em qualquer aspecto

36 - Você já pensa em qual será a sua aspiração profissional?

37 - Quão confiante você se sente em alcançar seus objetivos de carreira? () Muito confiante

() Bastante confiante () Um pouco confiante () Nem um pouco confiante

38 - Você já conversou com alguém sobre suas aspirações profissionais? () Sim () Não

39 - Você já participou de alguma atividade profissional na escola? Quais eram eles? () Sim () Não

40 - Você conhece a história de vida de seus pais, avós e bisavós: me conte, pergunte a teus familiares e escreva abaixo ou em outra folha.

ANEXO 2

Entrevista com os pais/responsáveis dos alunos participantes da entrevista da professora Maria Helena

Nome _____ Profissão: _____

Idade: _____ Escolaridade: _____

1. Dou ideias para organizar atividades na escola (ex. festas, atividades desportivas, jogos) () Sim () Não
2. Procuro saber o que é que o meu filho necessita de aprender, para o poder ajudar em casa.
3. Quando há qualquer problema com o meu filho na escola, procuro informar o professor. () Sim () Não
4. Procuro que o meu filho realize atividades que o ajudam na aprendizagem (ex. encorajo o meu filho a ler) () Sim () Não
5. Ajudo frequentemente o meu filho nos trabalhos para casa () Sim () Não
6. Procuro participar na resolução de problemas da escola (ex. dando ideias para resolver problemas de indisciplina e violência) () Sim () Não
7. Vou às reuniões para pais convocadas pelo professor () Sim () Não
8. Se o professor me convidar, estou disposto(a) a participar em atividades na sala de aula (ex. ler histórias às crianças, falar-lhes sobre a minha profissão, ajudar o professor a preparar materiais). () Sim () Não
9. Procuro fazer com o meu filho atividades que não são pedidas pelo professor, mas que sei que o ajudam nas aprendizagens (ex. leio-lhe histórias, vou com ele a uma biblioteca) () Sim () Não
10. Quando sei que se vão realizar certas atividades na turma (ex. visitas de estudo, festas, jogos), ofereço ajuda () Sim () Não
11. Costumo falar e dar opiniões nas reuniões de pais () Sim () Não
12. Gostaria de trabalhar voluntariamente (ou trabalho) em atividades na escola (ex. pintar a escola, arranjar o recreio e o jardim, vigiar os recreios) () Sim () Não
13. Dou ideias para organizar atividades na turma (ex. visitas de estudo, festas, jogos) () Sim () Não
14. Procuro informar-me sobre o regulamento e as normas de funcionamento da escola () Sim () Não
15. Converso com o meu filho acerca do que se passa na escola () Sim () Não
16. Vou às atividades para pais organizadas pela escola () Sim () Não
17. Costumo pedir informações ao professor sobre os progressos/dificuldades do meu filho. () Sim () Não

18. Tenho por hábito procurar informações do professor na caderneta do meu filho

(☐) Sim (☐) Não

19. Tenho por hábito verificar se o meu filho fez os trabalhos para casa (☐) Sim (☐)

Não

20. Procuro informar-me sobre o projeto educativo e o plano anual de atividades da escola

21. Tento ensinar o meu filho a planear e a organizar melhor o seu tempo

(☐) Sim (☐) Não

22. Quando há qualquer problema na escola com outros colegas, procuro informar o professor (☐) Sim (☐) Não

23. Quando sei que se vão realizar certas atividades na escola (ex. festas, atividades desportivas, jogos), ofereço ajuda (☐) Sim (☐) Não

24. Procuro informar-me acerca das datas dos testes de avaliação, para poder ajudar o meu filho a estudar (☐) Sim (☐) Não